

Mariana de Moura Salles Moreira

Alomorfia de Plural no Português Brasileiro

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Mariana de Moura Salles Moreira

Alomorfia de Plural no Português Brasileiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística Teórica e Descritiva

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Thaís Cristófaró Alves da Silva

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para a execução deste trabalho e, em especial:

À minha orientadora, Prof^a Dr^a. Thaís Cristófaros-Silva, por ter acreditado em mim, pela disponibilidade e ensino a qualquer hora, pelas minuciosas leituras deste trabalho e pelos preciosos ensinamentos dentro e fora da Linguística. Agradeço também pelos três anos de trabalho durante a Iniciação Científica e por todo carinho e amizade durante todos esses anos de convivência.

Ao, Prof. Dr. Seung Hwa Lee, pelos ensinamentos sobre Morfologia e Fonologia, por toda paciência ao me explicar as mesmas coisas, e pelo acompanhamento e avaliação do meu trabalho durante o tempo de orientação.

Aos Professores Maria do Carmo Viegas, José Olímpio, Lorenzo Vitral, Mario Perini, Thaís Cristófaros e Maria Cândida Trindade, pelas aulas em suas disciplinas tão produtivas.

Aos Professores Seung Hwa Lee, Maria do Carmo Viegas, Fábio Bonfim e Thaís Cristófaros pelas várias indicações de leitura.

À, Prof^a Daniela Mara Oliveira Guimarães, pela ajuda desde a preparação do pré-projeto e pela disponibilidade em me ajudar em todos os momentos que precisei.

À Maria Mendes Cantoni, pela leitura e comentários a este texto, por toda disponibilidade, amizade e carinho ao me ajudar durante todo o mestrado.

Ao Fernando Lopez, pela tradução da primeira versão do resumo e a Maria Mendes Cantoni pela tradução do resumo final.

Aos colegas de graduação e pós-graduação, especialmente, Maria, Camila, Aline, Carlos e Fernando, pela ajuda e pelos momentos de incentivo.

Aos meus Pais e ao meu Irmão, por me ensinar a sempre buscar e valorizar o conhecimento, pelo apoio e carinho incondicional, por sempre acreditarem em mim, pelos momentos de alegria e descontração e, especialmente, por todo amor que sempre esteve presente na nossa casa.

Ao CNPq, pela bolsa de estudo concedida durante o curso.

Para,
Minha Família

RESUMO

Este trabalho avalia o fenômeno da alomorfia decorrente da flexão nominal de plural no Português Brasileiro. Visaremos demonstrar que este fenômeno requer uma explicação ampla que se manifesta adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática. Para tanto, procuramos buscar evidências que tentam caracterizar e explicar a alomorfia dentro de um Modelo Gramatical.

Na expectativa de uma discussão sobre a alomorfia nominal de plural iremos considerar uma revisão da literatura sobre o tema, bem como avaliaremos alguns dos modelos teóricos capazes de acomodar o processo da variação alomórfica no Português Brasileiro. Uma vez que se trata de uma pesquisa de caráter eminentemente teórico, a natureza dos dados aqui apresentados são de introspecção e nos permitiram formular idéias e sujeitá-las à discussão.

Este trabalho contribui primordialmente com a discussão sobre a alomorfia no contexto da organização gramatical ponderando sobre a formação de plural no Português Brasileiro. A avaliação geral é de que os modelos teóricos em desenvolvimento buscam expressar a relevância da Sintaxe na avaliação da alomorfia e que a interface entre a Sintaxe e outros componentes da Gramática, como a Fonologia, a Morfologia, a Semântica e o Léxico, é crucial para uma ampla caracterização da alomorfia.

Palavras-chave: Interface, Alomorfia, Morfologia, Plural

ABSTRACT

This study evaluates the phenomenon of allomorphy involved in plural noun inflection in Brazilian Portuguese. We demonstrate that this phenomenon requires a broad explanation that would manifest itself in the zone of interface between the various components of Grammar. For this purpose, we seek evidence that can characterize and explain allomorphy within a Grammatical Model.

In order to undertake a discussion on plural noun inflection in Brazilian Portuguese, we will carry out a revision on this theme and evaluate some theoretical models capable of accommodating the issue of allomorphic variation in Brazilian Portuguese. Since this research has an essentially theoretical basis, the data to be used is based on introspection, allowing us at the same time to formulate ideas and subject them to discussion.

This study contributes to the debate of allomorphy in the context of grammatical organization, promoting reflections on the plural formation in Brazilian Portuguese. We suggest that the current theoretical models under development try to explain the relevance of Syntax accounting for allomorphy and that the interface between Syntax and other components of Grammar, such as Phonology, Morphology, Semantics and the Lexicon, seems crucial to a broad characterization of allomorphy.

Key words: Interface, Allomorphy, Morphology, Plural

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Traços Inerentes das Entradas Lexicais.....	55
Figura 2: O Modelo da Hipótese Lexicalista Forte	58
Figura 3: O Modelo da Hipótese Lexicalista Fraca.....	59
Figura 4: Modelo baseado em níveis proposto por Kiparsky (1982).....	64
Figura 5: Estrutura Interna da Sílab.....	79
Figura 6: Representação da seqüência [barɐ]	80
Figura 7: Representação da seqüência [baris].....	80
Figura 8: Níveis aos quais regras são aplicadas na Fonologia Lexical	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico.....	28
Tabela 2: Formas Supletivas e Formas Não-Supletivas	31
Tabela 3: Alomorfes possíveis do Morfema s 	35
Tabela 4: Alomorfia dos Radicais para os casos terminados em <i>-s, -r, -l</i>	37
Tabela 5: Regra Geral para formação de Plural	39
Tabela 6: Plural dos Substântivos terminados em <i>-l, -r, -s</i>	39
Tabela 7: Formação de Plural dos Itens terminados em <i>-ão</i>	41
Tabela 8: Formação de Plural de Oxítonos e Paroxítonos terminados em <i>-ão</i>	41
Tabela 9: Formação de Plural de <i>-ão</i> para <i>-ões</i>	42
Tabela 10: Formação de Plural de <i>-ão</i> para <i>-ães</i>	42
Tabela 11: Formação de Plural dos Nomes terminados com Morfema s 	43
Tabela 12: Formação de Plural por Metafonia Vocálica.....	43
Tabela 13: Formação de Plural das Formas Irregulares	44
Tabela 14: Derivação das Representações Subjacentes	69
Tabela 15: Representações Subjacentes com /e/ final.	74
Tabela 16: Derivação das Representações Subjacentes	76
Tabela 17: Formas Nominais para casos de Epêntese.....	81
Tabela 18: Resumos em relação à Alomorfia e Organização Gramatical.....	91
Tabela 19: Morfema s ou Alomorfes <i>s ~ is ~ Ø</i>	92
Tabela 20: Alomorfes do Morfema s 	93

CONTEÚDO

CAPÍTULO 1	11
INTRODUÇÃO.....	11
1.2 Objetivos.....	14
1.3 Hipóteses.....	14
1.4 Organização dos Dados	15
1.5 Mecanismos de Análise	16
1.6 Organização do Trabalho.....	16
CAPÍTULO 2	18
SOBRE A FORMAÇÃO DE PLURAL E A ALOMORFIA	18
2.1 Introdução	18
2.2 O que é o Plural?	18
2.3 Aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico	21
2.4 O que a Alomorfia?	30
2.5 A Formação do Plural no Português Brasileiro	38
2.6 Conclusões	44
CAPÍTULO 3	46
REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A ALOMORFIA	46
3.1 Introdução	46
3.2 A Alomorfia no âmbito do Estruturalismo	46
3.3 A Alomorfia à luz do Gerativismo Clássico.....	49
3.4 A Fonologia Gerativa Natural.....	51
3.5 Além do Gerativismo Clássico	53
3.6 O Lexicalismo	56
3.7 A Fonologia Lexical.....	59
3.8 Conclusões	65

CAPÍTULO 4	66
REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A FORMAÇÃO DE PLURAL	66
4.1 Introdução	66
4.2 Câmara Jr. (1970).....	66
4.3 Leite (1974)	68
4.4 Andrade (1977)	72
4.5 Abaurre-Gnerre (1983).....	75
4.6 Bisol (1998)	79
4.7 Lee (1995).....	82
4.8 Conclusões.....	84
CAPÍTULO 5	85
DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	85
5.1 Introdução	85
5.2 Objetivos e Hipóteses.....	85
5.3 Teorias e Análises	87
5.4 Avaliação da Alomorfia No Português Brasileiro	93
5.5 Perspectivas Futuras: O Modelo da Morfologia Distribuída.....	95
CAPÍTULO 6	98
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

A Morfologia é diferente das demais subdisciplinas da Lingüística porque muito de seu interesse deriva não tanto dos fatos da Morfologia em si mesma, mas do modo como esta interage e se relaciona a outros ramos da Lingüística como o Léxico, a Fonologia e a Sintaxe; ou seja, a interface entre o campo Morfológico e os demais componentes da Gramática (SPENCER, 1993).

O estudo da interface entre a Morfologia e outras áreas da Gramática, como a Fonologia, a Sintaxe e a Semântica, tem sido o principal responsável pelo ressurgimento do interesse pelos estudos morfológicos nos últimos anos. Isso porque não se concebe mais uma análise que se isole no morfema sem olhar para suas inter-relações com objetos de outras naturezas.

Uma das questões mais difíceis, no entanto, de quem pesquisa uma interface é decidir onde termina um, e começa o outro componente. São vários os exemplos em que há diferença de opinião sobre um determinado fenômeno pertencer à Morfologia ou ao domínio da Fonologia ou da Sintaxe. Uma consequência deste tipo de questionamento é saber se a Morfologia existe como componente autônomo, ou se antes como domínio fragmentado e repartido entre os demais componentes gramaticais.

Sendo considerada uma área controversa no campo das línguas naturais a Morfologia teve maior ou menor papel dentro das teorias lingüísticas. De fato, as correntes lingüísticas dominantes, ao longo do tempo, ora atribuíram papel central à Morfologia, ora reduziram seu papel dentro da Teoria Lingüística. Esta dissertação localiza-se em um âmbito de interação, pois investiga um fenômeno de interface entre os diversos módulos da Gramática, valendo-se da alomorfa nominal de plural no Português Brasileiro.

Observa-se que a Morfologia é freqüentemente definida como o componente da Gramática que trata das estruturas internas das palavras (ROSA, 2000; SANDALO, 2005). Mas o que é uma palavra? Veremos que muitos lingüistas preferem definir palavras utilizando-se de critérios sintáticos, uma vez que estes parecem funcionar em qualquer língua

do mundo. Assim, como sugerido por Sandalo (2005), uma seqüência de sons somente pode ser definida como uma palavra se:

- (a) Puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta.
- (b) Puder ser usada em várias posições sintáticas.

Veremos que em (1), *cenouras* ocorre como a menor resposta possível à questão dada, satisfazendo, assim, a condição (a) de definição proposta para uma palavra. Em (2) observamos que *cenouras* ocorre como objeto da sentença, enquanto em (3) ocorre como sujeito, satisfazendo a condição (b) proposta acima. Isto significa que esta seqüência de sons ocorre em mais de uma posição sintática. É, portanto, uma palavra.

- (1) O que Joana comprou na feira hoje?
Cenouras.
- (2) Joana comprou *cenouras* na feira hoje.
- (3) *Cenouras* foi o que Joana comprou na feira hoje.

Palavra é, dessa forma, a unidade mínima que pode ocorrer livremente. Uma vez assumida esta definição podemos distinguir vários elementos que carregam exatamente o mesmo significado, mas que não têm a mesma definição gramatical. Assim podemos citar os pronomes clíticos *lhe* e *o*. Veremos que estes os pronomes não podem ser definidos como uma palavra porque não satisfazem as condições (a) e (b) propostas acima, conforme demonstrado nos exemplos (4) e (5) abaixo:

- (4) Para quem João comprou flores?
**Lhe.*
- (5) **Lhe* adora comer beterraba.

O exemplo (4) mostra que o pronome *lhe* não pode ser usado como uma resposta mínima para uma pergunta, já em (5) vemos que este pronome não pode ocorrer na posição sintática de sujeito de uma frase.

A palavra é definida como a unidade máxima com a qual a Morfologia trabalha (BASILIO, 1987; ROSA, 2000; SANDALO, 2005). Já as unidades mínimas que compõem uma palavra são denominadas morfemas. As diferentes formas fonéticas assumidas por um morfema são denominadas de alomorfes.

A alomorfia, tema de debate desta dissertação, estuda os alomorfes possíveis de uma língua. Vemos que o fenômeno da alomorfia diz respeito às configurações que um morfema pode tomar (ROSA, 2000). Já morfema é definido como “uma unidade mínima com significado” (NIDA, 1949) ou “uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores” (BLOOMFIELD, 1926).

Vimos acima que a definição de palavra proposta por Sandalo (2005) tem estreita relação com a Sintaxe. Por outro lado, vimos que a palavra tem organização interna na esfera da Morfologia. A Morfologia apresenta uma relação com a Fonologia através das formas que os morfemas são pronunciados. A relação que se estabelece entre as várias áreas da Gramática é denominada *interface*.

Esta dissertação irá localizar-se, dessa forma, em um âmbito de interface, pois investiga a alomorfia nominal de plural no contexto de relação entre os componentes Gramaticais. Nosso objetivo será avaliar como a alomorfia de plural pode ser resolvida dentro de um modelo de Gramática: em um componente de interação entre a Morfologia e a Fonologia, ou em um modelo que leve em consideração a interação com a Sintaxe? E como ocorre a interface entre estes diversos campos da Gramática?

Vemos que as respostas para as questões levantadas acima são, em larga escala, dependentes do que se toma como um modelo de Gramática, com o lugar que a Morfologia ocupa neste modelo e do que se considera ser o domínio próprio para a formação de palavras. O tema central desta dissertação é a alomorfia de flexão nominal de plural no Português Brasileiro, além disso, esta dissertação também pretende contribuir com a avaliação da alomorfia em vários Modelos Teóricos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho pretende, através da investigação da alomorfia nominal de plural, contribuir para a discussão acerca da interação entre os componentes da Gramática no Português Brasileiro.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como desdobramentos do objetivo geral têm-se os seguintes objetivos específicos:

- Discutir a alomorfia de plural no Português Brasileiro.
- Contribuir para a compreensão do fenômeno da alomorfia, exemplificados através da pluralização nominal no Português Brasileiro.
- Discutir como os vários Modelos Teóricos compreendem a alomorfia.
- Avaliar as contribuições de vários Modelos Teóricos quanto ao papel da alomorfia na Gramática.

1.3 Hipóteses

1.3.1 Hipótese Geral

A alomorfia de plural é um processo que se explica adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática.

1.3.2 Hipóteses Específicas

- a) Casos de alomorfia evidenciam a interface entre, pelo menos, dois componentes da Gramática.
- b) A alomorfia requer um modelo de análise gramatical.

Os capítulos de análise encarregam-se de delimitar ainda mais essas hipóteses.

1.4 Organização dos Dados

Por seu caráter eminentemente teórico, o presente trabalho não se sujeitou a análises quantitativas. Fez uso, todavia, de uma boa parcela de dados, coletados das seguintes fontes:

- a) Gramáticas Normativas, em especial as gramáticas de Evanildo Bechara (1999) e Celso Cunha (2001).
- b) Dicionário Aurélio Eletrônico, versão 2.0 (Novembro de 2009).
- c) Dados Intuitivos.

Os exemplos aparecem ao longo da dissertação sempre que se fazem necessários.

Segundo Lobato (1986) a justificativa acerca do uso das intuições na análise lingüística são baseados em dois tipos de argumentos: um que procura evidenciar que a objetividade do *corpus* é relativa, e outro que tenta mostrar que o uso de intuições oferece vantagens sobre o uso de um *corpus*.

O fato de a objetividade do *corpus* ser considerada relativa pode ser mostrado através de dois exemplos. O primeiro diz respeito à existência de frases incompletas ou mal-formadas, resultado de interferência de vários tipos. Estas frases são seqüências segmentais acidentais, que não devem integrar a descrição gramatical, e não há outro meio de se

eliminarem tais seqüências do *corpus* a não ser fazendo uso da intuição. Por outro lado, a própria transcrição de amostras implica uma segmentação do *continuum* da fala, e essa segmentação só pode ser feita em bases intuitivas, porque apesar de as unidades lingüísticas serem discretas do ponto de vista teórico, elas são contínuas no fluxo de fala.

O segundo argumento a favor do uso da intuição baseia-se no fato de dados intuitivos serem mais fáceis de serem obtidos. As análises quantitativas apresentam uma limitação, uma vez que, uma amostra da língua pode não ser, evidentemente, uma representação da língua como um todo.

1.5 Mecanismos de Análise

Utilizando-se de uma metodologia hipotético-dedutiva, característica da análise de cunho gerativista, os dados foram analisados a partir das hipóteses mencionadas no tópico 1.3 deste capítulo.

1.6 Organização do Trabalho

O trabalho está organizado em seis capítulos, que estão divididos e descritos da seguinte maneira.

O capítulo 1, que consiste desta Introdução, apresenta o tema a ser discutido nesta dissertação delimitando os objetivos da mesma. São apresentadas também as hipóteses, a organização dos dados, os mecanismos de análise e a organização geral do trabalho.

O Capítulo 2 discute a formação de plural e a alomorfia no Português Brasileiro. Discute-se a noção de plural avaliando princípios Semânticos, Sintáticos, Morfológicos e Fonológicos. Avalia-se também a noção de alomorfia e discute as principais características da formação de plural no Português Brasileiro.

O Capítulo 3 discute, especificamente, a noção de alomorfia em diversas perspectivas teóricas. Avalia-se o Estruturalismo, o Gerativismo Clássico, a Fonologia Gerativa Natural, os Avanços no Gerativismo, a Hipótese Lexicalista e a Fonologia Lexical. A avaliação conjunta

destes modelos teóricos será apresentada na discussão dos resultados, no capítulo 5, na expectativa de contextualizar a alomorfia no contexto da análise gramatical.

O Capítulo 4 apresenta a revisão da literatura sobre a formação de plural no Português Brasileiro ao discutir as abordagens do Estruturalismo (CÂMARA JR, 1972), do Gerativismo Clássico (LEITE, 1974; ANDRADE, 1977), da Fonologia Gerativa Natural (ABAURRE-GNERRE, 1983), da Fonologia Autossegmental (BISOL, 1998) e da Fonologia Lexical (LEE, 1995).

O Capítulo 5 apresenta a discussão e análise sobre a alomorfia da flexão nominal de plural no Português Brasileiro. Busca-se contextualizar cada um dos trabalhos sobre a formação de plural no Português dentro das perspectivas teóricas adotadas. Será sugerido que a alomorfia é um processo que se explica adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática.

O Capítulo 6 apresenta as principais conclusões alcançadas nesta dissertação, sendo seguido pela bibliografia.

Este trabalho contribui principalmente com a discussão sobre a alomorfia no contexto da organização gramatical ponderando sobre a formação de plural no Português Brasileiro. A avaliação geral é de que os modelos teóricos em desenvolvimento buscam expressar a interface entre os vários componentes da Gramática para uma ampla caracterização da alomorfia.

Capítulo 2

SOBRE A FORMAÇÃO DE PLURAL E A ALOMORFIA

2.1 Introdução

Neste capítulo apresentaremos uma visão geral sobre o que se trata a flexão de número segundo os aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico. Temos com isso o propósito de mostrar o que é a pluralização para posteriormente caracterizarmos a alomorfia do plural no Português Brasileiro. Além disso, neste capítulo, também iremos apresentar o conceito de alomorfia. E finalizamos discutindo as principais características da formação de plural no Português Brasileiro, de acordo com as generalizações possíveis.

Este capítulo apresenta, portanto, a seguinte organização: na seção 2.2 apresentaremos a definição de plural; na seção 2.3 descreveremos os aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico; na seção 2.4 apresentaremos o conceito de alomorfia; na seção 2.5 mostraremos os tipos de formação de plural no Português Brasileiro; e na seção 2.6 apontaremos as principais conclusões alcançadas com este capítulo.

2.2 O que é o Plural?

A definição tradicional expressa que plural opõe uma quantidade unitária a mais de uma unidade. A noção de plural está relacionada, pois, à quantidade e é uma característica universal das línguas naturais podendo ser associada a noção gramatical de número.

A flexão de número pode ocorrer tanto em nomes quanto em verbos e é tipicamente expressa por alguma marca gramatical (CAMARA JR., 1970). Esta pode ser uma palavra independente, um afixo que ocorre juntamente com um nome, ou pode ter marcas específicas no acento e no léxico (SPENCER, 1993).

O conceito da flexão nominal de número é simples e coerente – trata-se da oposição entre um único indivíduo ou item e mais de um indivíduo ou itens (CÂMARA JR., 1970). Câmara Jr. (1970) apenas ressalta a situação especial dos coletivos, em que a forma singular envolve uma significação de plural, como em *povo e folhagem*; e de situações inversas, em que a forma de plural do nome se reporta a um conceito lingüisticamente indecomponível, como em *núpcias, funerais*.

Câmara Jr. (1970) aponta ainda que o termo gramatical ‘flexão’ é a tradução do termo Alemão *Biegung*, introduzido pelo filólogo Friedrich Schlegel (1808; *apud* CÂMARA JR., 1970) para indicar que uma dada palavra passa a ter novos empregos. A flexão de número diz respeito ao caráter múltiplo (plural) em relação ao caráter individual (singular).

Assim, a flexão de número cria um contraste entre uma forma singular e uma forma plural. Como exemplo, temos que a forma *bola* é dita ser singular, enquanto a forma *bolas* encontra-se no plural. No Português Brasileiro a formação regular de plural se manifesta com a adição de um morfema |s| ao final da palavra: |bɔl + a + s|. Há casos de formações de plural consideradas como irregulares, por não adotarem o padrão regular. As formações irregulares de plural no Português Brasileiro serão tratadas mais adiante neste capítulo.

Na flexão, ao contrário da derivação, há uma obrigatoriedade e uma sistematização coerente dos termos (CAMARA JR., 1970; ANDRADE, 1977). Assim, dentro de uma frase, de acordo com as circunstâncias apresentadas, devemos adotar um substantivo no plural ou um verbo na primeira pessoa do pretérito perfeito. Ainda segundo Câmara Jr. (1970) na flexão os morfemas estão concatenados em paradigmas coesos e com pequenas margens de variação. Também para Andrade (1977) as formas flexionadas (que compõem paradigmas) formam um sistema coeso de modo que estes morfemas estão estritamente concatenados, ao contrário das formas derivacionais.

Na língua portuguesa há ainda outro traço próprio para os morfemas que caracterizam a flexão: a concordância. A concordância ocorre através da repetição da flexão nos vocábulos que se encontram encadeados.

Os sufixos flexionais são em número relativamente pequeno em Português e se encontram entre os nomes e os verbos. Há concordância de número singular e plural, e de gênero masculino e feminino, entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo de uma frase.

Os nomes, em Português, são vocábulos que apresentam flexões de gênero e número.¹ O gênero condiciona uma oposição entre a forma masculina e a forma feminina, enquanto o número cria um contraste entre uma forma singular e uma forma plural. Os casos de (6) a (9) apresentados abaixo exemplificam a concordância entre gênero e número em Português.

(6) A gata bonita.

(7) O gato bonito.

(8) As gatas bonitas.

(9) Os gatos bonitos.

Observamos que nos exemplos (6) e (7) as formas se apresentam no singular, enquanto nos exemplos (8) e (9) se mostram no plural. Vemos que em todos os casos há concordância da flexão de gênero do artigo, do nome e do adjetivo. Há ainda concordância da flexão de número entre o artigo, o nome e o adjetivo. Podemos concluir, desta forma, que a flexão de gênero e número afeta todo o sintagma nominal.

Veremos, a seguir, que cada campo da lingüística descreve a pluralização obedecendo a certas características próprias, e que o conceito geral de pluralização é amplo (PARAGUASSU-MARTINS & MULLER, 2007).

Na seção seguinte mostraremos o conceito de plural abrangendo os aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico. Temos com isso o propósito de caracterizar melhor o conceito de plural, para então podermos delimitar o nosso estudo da alomorfa nominal de plural no Português Brasileiro.

¹ Nos verbos, em Português, há concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo de uma frase. Os verbos, assim como os nomes, podem apresentar flexão de número. Nesta dissertação trataremos especificamente da alomorfa de plural nominal e, portanto, a morfologia verbal não será mais mencionada.

2.3 Aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico

2.3.1 O Aspecto Semântico

Tradicionalmente os nomes comuns podem ser subdivididos entre contáveis e massivos (PARAGUASSU-MARTINS & MULLER, 2007).

A distinção entre nomes contáveis e massivos foi introduzida por Jespersen (1924) que, utilizando-se de critérios semânticos, chama de ‘substantivos contáveis’ os nomes que transmitem uma idéia de coisa definida com formato e limites precisos, como seriam, por exemplo, *livro, carro, canção*; e de ‘substantivos massivos’ os nomes que não apresentam tais características, como, por exemplo, *prata, amor, terra*. Qualquer um dos dois tipos, sejam contáveis ou massivos, pode ser concreto ou abstrato.

Muitos lingüistas vieram a questionar a caracterização proposta por Jespersen (1924) devido ao fato de que nomes transmitirem ou não idéia de coisa definida, com formato e limites precisos, não é um critério confiável. Temos nomes que são contáveis e não transmitem idéia de coisa definida, como *sonho, virtude, crença*, e nomes que são massivos e transmitem idéia de coisa definida, como *mobília, verdura*.

De acordo com Paraguassu-Martins & Muller (2007) intuitivamente, a diferença entre os nomes contáveis e os nomes massivos, está no fato de que nomes contáveis se referem a entidades conceituadas como discretas enquanto que os nomes massivos se referem a entidades conceituadas como contínuas.

Outra característica que delimita os nomes contáveis é o fato de poderem ser diretamente combinados com numerais, como mostra o exemplo (10) abaixo. Já os nomes massivos necessitam de classificadores ou de sintagmas de medidas para serem apropriadamente contados, conforme o exemplo (11), adaptados de Paraguassu-Martins & Muller (2007)²:

² Os exemplos foram apresentados originalmente em inglês (PARAGUASSU-MARTINS & MULLER, 2007). As traduções foram realizadas pela autora da dissertação.

(10) Existe uma maçã sobre a mesa.
Existem duas maçãs sobre a mesa.³

(11) *Existe um ouro sobre a mesa.
Existem duas barras de ouro sobre a mesa.⁴

Nomes contáveis podem ser ordenados, como mostrado em (12), ao passo que nomes massivos não são ordenáveis, como apresentado em (13):

(12) Minha segunda maçã estava fantástica.⁵

(13) *Meu segundo ouro estava fantástico.⁶

Apresentado o conceito de contável e massivo, podemos sistematizar que a linguagem segue a intuição básica que descreve o mundo como contendo dois tipos de entidades distintas: (i) entidades discretas ou atômicas e (ii) matéria indiferenciada ou substância.

A flexão de número é interpretada, dessa forma, sob o ponto de vista do aspecto semântico, como uma operação sobre o domínio das entidades discretas, pois apenas neste caso a distinção entre entidades atômicas (unidades) e entidades plurais (grupo formado por duas ou mais unidades) faz sentido. Explica-se assim porque apenas nomes contáveis podem ser pluralizados.

Observa-se ainda que em Português, alguns casos, uma forma nominal no singular pode expressar uma noção de plural, como nos exemplos (14) e (15) abaixo:

(14) Vou sair para comprar *laranja*.

³ There is one apple on the table.
There are two apples on the table.

⁴ *There is one gold on the table.
There are two bars of gold on the table.

⁵ My second apple was fantastic.

⁶ *My second gold was fantastic.

(15) Calcei a *sandália* e saí.

Nas sentenças (14) e (15) acima os nomes, em itálico, se encontram sem flexão de plural, mas expressam uma noção de quantidade ‘maior do que um’. No caso de *laranja*, possivelmente, serão compradas várias *laranjas*. No caso de *sandália*, provavelmente, há referência ao par de *sandálias*, que envolve duas unidades.

Observamos, assim, que o aspecto semântico faz menção a nomes contáveis, sobre o domínio das entidades discretas, pois apenas nestes casos a distinção entre uma unidade e mais de uma unidades faz sentido. A próxima seção irá tratar da noção de plural em relação ao aspecto sintático da língua.

2.3.2 O Aspecto Sintático

Ao contrário de uma caracterização semântica, em uma abordagem gramatical, a distinção entre contável e massivo, só é visível em termos sintáticos. O que existe nesta abordagem é uma Sintaxe para os nomes contáveis e outra para os nomes massivos. Como exemplo, podemos apresentar os quantificadores *many/few* e *much/little* para o inglês. Vemos que *many/few* apenas selecionam nomes contáveis, ao passo que *much/little* apenas selecionam nomes massivos, como em (16).

(16) Many books. / *Much books.
 Much wine. / * Many wine⁷.

A abordagem gramatical ignora a relação entre propriedades sintáticas e semânticas para estabelecer a distinção entre contável e massivo (PARAGUASSU-MARTINS & MULLER 2007). Sabemos que ‘*book*’ é contável, não porque possui uma propriedade atômica, mas sim porque é selecionado pelo quantificador ‘*many*’; da mesma forma, sabemos

⁷ Muitos livros x Muitos vinhos (Tradução minha).

que *wine* é massivo, não porque possui uma propriedade contínua, mas sim porque é selecionado pelo quantificador ‘*much*’.

No entanto, esta abordagem gramatical apresenta alguns problemas. Em princípio não há uma explicação para os casos em que nomes contáveis são empregados como massivos, conforme apresentamos em (17), e para os casos em que nomes massivos são empregados como contáveis, mediante o exemplo (18) (adaptado de PARAGUASSU-MARTINS & MULLER, 2007):

(17) A casa é construída de tijolo.⁸

(18) John comprou excelentes vinhos.⁹

Observamos que, em (17), *tijolo* não apresenta marca morfossintática de número, característica própria dos nomes massivos, enquanto que em (18), *vinhos* apresenta tal marca, característica própria dos nomes contáveis.

No exemplo (17) acima a palavra *tijolo* é tipicamente classificada como contável, uma vez que pode ser combinada com um numeral, como em (19), e também pode ser ordenada, como apresentado em (20). No entanto, podemos observar que a expressão “*de tijolo*” é considerada genérica, sem a discretude dos nomes contáveis.

(19) Compramos três tijolos.

(20) O segundo tijolo da casa caiu.

No exemplo (18), apresentado acima, a palavra *vinho* é considerada um nome massivo e, portanto não deveria apresentar a marca morfológica de plural, nota-se, entretanto, conforme exemplo (21) que a possui.

⁸ The house is built of brick.

⁹ John bought excellent wines.

(21) Três vinhos foram degustados hoje.

Seguindo a linha das propriedades sintáticas, observamos, para o Português Brasileiro, que em alguns exemplos a distinção entre singular e plural só se torna possível ao analisarmos estas palavras dentro de uma estrutura sintática, como por exemplo, em (22):

(22)	Comprei um <u>láp</u> is novo	Singular
	Comprei trinta <u>láp</u> is novos	Plural

Os exemplos em (22) acima indicam que através do contexto da estrutura sintática é que podemos avaliar a especificação lexical como singular ou como plural, da forma *láp*is. A concordância nominal entre o substantivo e o adjetivo expressa a quantidade. O exemplo (22) mostra que uma mesma forma, no caso *láp*is, pode ter interpretação de singular ou de plural dependendo da estrutura sintática, uma vez que sua forma é a mesma para os dois casos. Ou seja, não há marca morfológica explícita que marque a diferença entre as formas de singular e de plural.

Assim, para o aspecto sintático podemos sistematizar que existe uma Sintaxe para os nomes contáveis e outra para os nomes massivos. Além disso, vimos que em palavras cujo traço em relação à forma de plural é zero (*láp*is) a depreensão singular/plural, quando não marcada lexicalmente, irá depender da estrutura sintática. A próxima seção irá apresentar a noção de plural em relação ao aspecto morfológico.

2.3.3 O Aspecto Morfológico

Quando marcamos a categoria de número no componente lexical descrevemos a pluralização sob o ponto de vista Morfológico. Isto significa que ocorre o processo de alomorfa, e que os vários alomorfes possíveis para a formação de plural no Português Brasileiro se encontram dispostos no léxico. O fator estrutural das palavras será o responsável pela escolha de um alomorfe em detrimento do outro.

Para o Português podemos observar três alomorfes possíveis para a formação de plural: $s \sim i s \sim \emptyset$. Estes estariam dispostos no componente lexical para a formação de plural, conforme exemplo (23) abaixo:

- (23) *autora* + s
autor + $i s$
ônibus + \emptyset

Nestes casos, a distribuição dos alomorfes poderá ser governada pela estrutura morfológica ou pelas palavras adjacentes. Os casos governados pela estrutura morfológica são aqueles em que a presença do sufixo altera o radical da palavra, como no exemplo (24) apresentado para o Português Brasileiro.

- (24) *canil* → queda da consoante l final → *canis*.

Um caso de seleção pelas palavras adjacentes é a escolha, em inglês, entre os determinantes *a* e *an*, que irá depender da natureza do primeiro segmento presente na palavra seguinte ao determinante: *a* ocorre antes de uma palavra iniciadas em consoante, enquanto *an* ocorre antes daquelas iniciadas em vogais, como apresentado em (25).

- (25) *a* *machine*
an *engineer*

De acordo com exemplos (24) e (25) acima observamos que o aspecto morfológico tipicamente se entrelaça ao fonológico. Assim, as distribuições, seja pelas estruturas morfológicas, seja pelas palavras adjacentes, também precisam dar visibilidade ao componente fonológico para uma boa formação. Podemos observar que o fator morfológico possui estreita relação com o léxico, isto porque a escolha dos vários alomorfes dispostos no componente lexical irá depender da estrutura morfológica das palavras. A próxima seção apresenta a noção de plural em relação ao aspecto fonológico da língua.

2.3.4 O Aspecto Fonológico

A Fonologia será a responsável pela interpretação sonora dos alomorfes. Os alomorfes fonologicamente motivados são aqueles que dependem tipicamente de como pronunciamos as palavras, como no exemplo (26) abaixo.

(26) *sala + s → salas*

A Fonologia é crucial para a boa formação das formas de plural. Assim, casos que exigem a inserção de um *i* epentético, como no exemplo (27), também poderão ser resolvidos nos ajustes fonológicos da língua.

(27) *cor → cores*
funil → funis

Outro exemplo, para o Português Brasileiro, é a escolha entre as realizações fonéticas do arquifonema /S/. Neste caso, irá se realizar como [s] quando o ambiente seguinte for desvozeado, conforme (28), mas irá se realizar como [z] quando tivermos um ambiente seguinte vozeado, como apresentado em (29).

(28) *casa [s] pretas.*

(29) *casa [z] brancas.*

Discorrendo até o momento, observamos que um ponto importante a ser discutido é quantos e quais são os alomorfes de formação de plural no Português e como é que se dá a interação dos componentes Fonológico e Morfológico para tal formação. O estudo da alomorfia de plural no Português Brasileiro é o tema desta dissertação e buscaremos tratar da organização dos alomorfes e da interação entre a Fonologia e a Morfologia na formação das formas de plural.

Abaixo, iremos sistematizar os aspectos discutidos até o momento. A tabela 1 resume os aspectos – Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico – descritos nesta seção. Veremos através desta tabela que o conceito geral de plural se dá à medida que coordenamos estes aspectos.

	SEMÂNTICO	SINTÁTICO	MORFOLÓGICO	INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA
	Traços Inerentes	Sub-categorização	Traços Morfológicos	Forma Fonética
Meninos	[+animado] [+humano] [+contável] [+comum] [-abstrato]	[+Det ___] NP	[+Plural]	[me 'ninʊs]
Água	[-animado] [-humano] [+massivo] [+comum] [-abstrato]	[+Det ___] NP	[-Plural]	['ag ^w a]
Lápis	[-animado] [-humano] [+contável] [+comum] [-abstrato]	[+Det ___] NP	[+ ou - Plural]	['lapis]

Tabela 1: Aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico.

Observamos, dessa forma, que cada item lexical pode ser especificado de acordo as seguintes informações:

- (a) Traços Inerentes
- (b) Traços Contextuais: Subcategorização
- (c) Traços Morfológicos
- (d) Interpretação Fonológica: Forma Fonética

Os aspectos semânticos são descritos nos traços inerentes, os aspectos sintáticos são descritos nos traços contextuais, os aspectos morfológicos são tratados nos traços morfológicos, enquanto os aspectos fonológicos são observados através das formas fonéticas.

Para o aspecto semântico, apresentamos os traços inerentes presentes na tabela (1) e podemos observar que somente as palavras que possuem o traço [+contável] podem ser pluralizadas.

Para o aspecto sintático, a observação a ser feita, é o fato de a subcategorização ser o fator determinante sobre qual contexto frasal as palavras podem aparecer, ou seja, dentro de uma frase os nomes, apresentados na tabela (1), exigem um determinante precedente.

Para o aspecto morfológico observamos que a marcação com o traço [+plural] pode ser um dos fatores relevantes para depreender o plural das formas terminadas em -s átono, como o exemplo da palavra *lápiz*.

O aspecto fonológico nos mostra que a forma fonética das palavras pode determinar a escolha de alguns alomorfes, como nos casos em que a consoante seguinte é vozeada *casa[z]brancas*, ou nos casos em que a consoante seguinte se apresenta desvozeada *casa[s]pretas*.

Em nossa dissertação avaliaremos a relação entre a Semântica, a Sintaxe, a Morfologia, e a Fonologia na organização da flexão de plural no Português Brasileiro. Na próxima seção descreveremos o conceito de alomorfia.

2.4 O que a Alomorfia?

O termo alomorfe é composto pelo prefixo */alo/* (variação) e pela raiz */morfe/* (forma) (CRYSTAL, 2000). Para Dubois *et al.* (1978, p. 41), “quando se dá o nome de morfema à unidade significativa mínima, chama-se alomorfes as variantes desse morfema em função do contexto”. A alomorfia é, portanto, um fenômeno de variação na forma e invariância no conteúdo; nessa perspectiva temos que um mesmo morfema se realiza foneticamente de formas variadas.

De acordo com Lieber (1982) a alomorfia é o estudo das variações de um morfema. Estas variações compartilham tanto as informações lexicais, como suas representações semânticas e sua estrutura argumental, mas diferem em sua forma fonológica e nos ambientes morfológicos em que ocorrem.

Compartilhando tal noção de alomorfia, Rocha (1998) admite a ocorrência de variação em praticamente todos os elementos morfológicos do Português: prefixo, bases nominais e verbais, sufixos, desinências verbais, flexões nominais de gênero e número.

Observamos que as unidades alomórficas podem se apresentar de dois tipos: aquelas que apresentam formas alternantes, ou aquelas que apresentam diferentes realizações fonéticas. Assim, se os alomorfes são formalmente similares ou relacionáveis fonologicamente, fala-se em alomorfia não-supletiva (*amor* → *amores*). Por outro lado, quando a similaridade formal é nula ou está quase ausente considera-se que a alomorfia é supletiva (*vou* → *ia*) (BOOIJ, 2000, p. 336). Vejamos a tabela 2 abaixo como forma de exemplificação das formas consideradas supletivas e não-supletivas.

Alomorfes	Formas Não-Supletivas	Formas Supletivas
<i>leão → leões</i>	X	
<i>ser → era → fui</i>		X
<i>vinil → vinis</i>	X	
<i>mouse → mice</i> ¹⁰		X
<i>tooth → teeth</i> ¹¹		X

Tabela 2: Formas Supletivas e Formas Não-Supletivas

De acordo com Siddiqi (2009), além dos alomorfes não-supletivos há outros dois tipos:

- 1- Alomorfia supletiva em que as duas formas não podem ser derivadas uma da outra por nenhum tipo de processo fonológico.

go ~ went

vou ~ ia ~ fui

good ~ better ~ best

person ~ people

- 2- Alomorfia irregular no qual existe alguma compatibilidade fonológica entre as duas formas. É usualmente atribuído por algum tipo de fenômeno histórico.

eat ~ ate

corpus ~ corpora

mouse ~ mice

campus ~ campi

receive ~ reception

¹⁰ Rato → Ratos (Tradução minha).

¹¹ Dente → Dentes (Tradução minha).

Os casos de alomorfa irregular, listados acima, atribuídos a algum tipo de fenômeno histórico, podem ser exemplificados ao considerarmos uma língua como o Inglês. Neste caso veremos dois processos de flexão considerados tipicamente irregulares: *ablaut* e *umlaut*. O *ablaut* se refere a uma mudança na qualidade vocálica do radical, (como [aɪ] para [əʊ]), indicando uma mudança na função gramatical (*drive* → *drove*, *write* → *wrote*), enquanto o processo chamado de *umlaut* diz respeito a uma vogal se tornar posterior se a sílaba seguinte também possuir uma vogal posterior (*tooth* → *teeth*, *louse* → *lice*).

Veremos que os casos de alomorfa supletiva e irregular, em que uma minoria de itens de uma dada classe ‘desobedece’ a regra geral, no modelo Gerativo Clássico, serão resolvidos através da interação das chamadas regras de reajuste, no componente de reajuste, e das *minores rules* marcadas no componente fonológico. As regras de reajuste serão as responsáveis pela marcação das palavras que devem se submeter a uma *minor rule* no componente fonológico.

Para promover o vínculo entre os componentes sintático e fonológico, no modelo da Fonologia Gerativa, postulou-se as chamadas regras de reajuste. As regras de reajuste são aplicadas na saída da Sintaxe, antes de qualquer regra fonológica, e são as responsáveis por compatibilizar as formas de saída do componente sintático em entradas válidas para o componente fonológico. Trataremos em maiores detalhes das regras de reajuste mais adiante.

Já as *minores rules* são descritas como um pequeno número de itens que devem ser marcados no componente fonológico, uma vez que desobedecem à regra geral. Os casos que se aplicam as *minores rules* são aqueles que não se enquadram no paradigma regular.

Como forma de exemplificação, vemos que Chomsky & Halle (1968, p.11) propõem que o módulo sintático deve gerar tanto as formas de passado regular [_v[_v*mend*]_v *past*]_v, quanto às formas irregulares [_v[_v *sing*]_v *past*]_v, para o inglês. Estas formas entre colchetes são o *output* do componente sintático e irão formar o *input* para as regras de reajustamento. Para o caso do verbo *mend*, depois de remover todos os colchetes, uma regra de reajustamento irá substituir a forma *past* por um *d*. Já para o caso de *sing* uma regra de reajustamento irá apagar o item *past*, juntamente com seu respectivo colchete, resultando [_v *sing*]_v. Esta mesma regra de reajuste irá colocar o diacrítico (*) na vogal /ɪ/ indicando que uma *minor rule*, no componente fonológico, irá alterá-la para /æ/. As regras de reajuste irão resultar em formas como [_v[_v*mend*]_v *d*]_v e [_v*s***ng*]_v. Finalmente estas representações fonológicas serão convertidas

em formas fonéticas, por meio de regras no módulo fonológico, resultando em [mɛndɪd] e [sæŋ].

Segundo Carstairs-Mccarthy (1992) as regras de reajuste e as *minor rules* atuam da seguinte maneira:

Even in SPE, however, not all alternations were dealt with in the phonological component. Suppletive alternations, such as between *go* and *went* or *good* and *better*, were always seen as outside its scope. Quite apart from these, a number of more or less irregular or unproductive alternations were handled outside the phonological component proper by means of readjustment rules. These rules could alter the phonological shape of a lexical item as specified in the lexicon (its ‘lexical representation’) before it entered the phonological component, and mark it with a diacritic so as to require it to undergo some ‘minor’ phonological rule¹².

Observamos, desta forma, que a formação de plural das formas supletivas, segundo Carstairs-Mccarthy (1992), no Modelo Gerativo Padrão, será marcado no componente de reajuste, de forma que uma *minor rule* possa atuar posteriormente para uma boa formação das formas em questão.

O plural será formado, portanto, pelas seguintes *minores rules*:

$$\text{a) } *[\text{us}] \rightarrow [\text{ora}] / \text{---} \begin{bmatrix} +\text{Nome} \\ -\text{Verbo} \\ +\text{Plural} \end{bmatrix} \# \quad \text{corpus} \rightarrow \text{corpora}$$

¹² Até no SPE, no entanto, nem todas as alterações foram tratadas no componente fonológico. Alternantes supletivas, tais como *go* e *went* ou *good* e *better*, sempre foram vistas como fora de seu escopo. Além destas, uma série de alternâncias consideradas mais ou menos irregulares ou improdutivas foram tratadas fora do componente fonológico através das regras de reajuste. Estas regras podem alterar a forma fonológica de um item lexical uma vez especificada no léxico (representação lexical) antes da entrada para o componente fonológico, e marca-lás com um diacrítico de forma que se submetam a alguma *minor rule* fonológica (Tradução minha).

$$\text{b) } *[\text{us}] \rightarrow [\text{ɪ}] / \text{ ___ } \left[\begin{array}{l} +\text{Nome} \\ -\text{Verbo} \\ +\text{Plural} \end{array} \right] \# \quad \text{campus} \rightarrow \text{campi}$$

Observamos que regras, como apresentadas em (a) e (b) acima, freqüentemente fazem referência a uma estrutura morfológica específica, isto é, obrigam uma dada regra fonológica a ser aplicada somente quando uma dada estrutura morfológica for encontrada.

Além dessas alternâncias entre as formas supletivas (*vou* → *ia*) ou não-supletivas (*sabor* → *sabores*), podemos admitir, ainda, variações alomórficas no radical ou no sufixo de uma palavra. As formas alomórficas que envolvem o sufixo das palavras se caracterizam pela variação das formas sufixais alternantes, enquanto a alomorfia do radical se caracteriza por uma invariância do sufixo. Vejamos cada uma destas possibilidades.

2.4.1 A Alomorfia nos Sufixos

Iremos considerar, primeiramente, os casos envolvendo alomorfia nos sufixos de flexão de plural. Observamos que os casos mais evidentes de alomorfia sufixal são aqueles que envolvem distribuição complementar. Neste contexto, o termo distribuição é usado com referência ao conjunto total de contextos lingüísticos, ou ambientes, em que pode ocorrer uma unidade, seja esta um fonema, um morfema ou uma palavra (CRYSTAL, 2000). No Português Brasileiro, os alomorfes utilizados para a formação da flexão de número se encontram em distribuição complementar, ou seja, onde um alomorfe ocorre o outro não ocorrerá.

Podemos sugerir, como generalização, que os alomorfes de flexão de plural no Português tenham a seguinte distribuição:¹³

¹³ Alguns casos excepcionais que não se enquadram nas categorias listadas a seguir serão tratados posteriormente. Por exemplo, casos de metafonia (*ovo* → *ovos*), formas terminadas em *-ão* e formas particulares como *cônsul* → *cônsules* ou *campus* → *campi*.

- 1) O alomorfe $-\emptyset$ ocorre após sibilante átona em final de palavra (*láp*is* → l*á*p*is**);
- 2) O alomorfe $-s$ ocorre após as raízes terminadas em vogal oral (*cas*a* → cas*as*, caf*é* → caf*és**) ou nasal (*maç*a* → maç*as**), ou terminadas em ditongo (*pa*i* → pa*is**);
- 3) O alomorfe $-is$ ocorre após as raízes terminadas em consoantes (*am*or* → am*ores*; barril → barr*is**).

Vejamos a tabela 3 abaixo como forma de sistematização para os casos de alomorfia de sufixo. Veremos que as diferentes realizações fonéticas estão ligadas a variações dialetais.

Morfema		
s		
	Alomorfes	Realizações fonéticas
1.	$-\emptyset$	Não há
2.	$-s$	[s], [z], [ʃ], [ʒ]
3.	$-is$	[is], [iz], [iʃ], [iʒ]

Tabela 3: Alomorfes possíveis do Morfema |s|

Não há manifestação fonética para o alomorfe $-\emptyset$. A realização fonética do alomorfe $-s$ ocorre como [s] ou [ʃ] quando é seguido por ambiente desvozeado (*casas pretas*). A realização como [z] ou [ʒ] ocorre quando o alomorfe $-s$ é seguido por uma consoante vozeada (*casas branca*). A realização fonética como [z] também pode ocorrer quando o alomorfe $-s$ é seguido por uma vogal ou ditongo (*casas azuis ou casa ousadas*). As diferentes realizações do alomorfe $-is$ seguem as observações apresentadas para o alomorfe $-s$, exceto pela vogal [i] que precede a sibilante. A ocorrência de sibilantes alveolares ou alveopalatais estão relacionadas com aspectos dialetais. Assim, por exemplo, em Belo Horizonte ocorre sibilantes alveolares, e no Rio de Janeiro ocorrem as sibilantes alveopalatais.

Em resumo, observa-se que assumir uma abordagem baseada na variância dos sufixos apresenta problemas e vantagens. Uma desvantagem é custo representado para a Gramática, uma vez que teríamos que listar os três alomorfes ($-s$, $-is$, $-\emptyset$) no léxico. Também, representaria um problema os casos das formas terminadas em $-l$ (*barris*, *anéis*) e os casos das formas em $-ão$ (*pulmão*, *alemão*), que teriam que ser resolvidos pela Fonologia¹⁴. Mas uma de suas vantagens assenta-se na motivação para assumirmos uma alomorfia nos sufixos, já que esta também ocorre nos casos de flexão de gênero /a, o, e/, ou seja, é recorrente.

2.4.2 A Alomorfia no Radical

Consideremos, agora, a alomorfia presente no radical da palavra. O radical é o elemento que encerra uma significação básica dentro de uma família de palavras. É, portanto, o que se repete nas palavras de um mesmo grupo lingüístico, como exemplo em (30a) e (30b) abaixo:

(30)	(a)	Pedr	a	(30)	(b)	Petr	ificar
		Pedr	eira				
		Pedr	ada				

Vemos que *pedr-* é o radical de todas as palavras do exemplo (30a) acima. Observa-se que este radical pode apresentar variantes, como no caso do exemplo (30b) *petr-*.

Nos casos (30a) e (30b) temos uma alomorfia no radical. Ou seja, os alomorfes *petr-* e *pedr-* possuem relações entre si, sendo o alomorfe *pedr-* o mais recorrente. Devido aos seus vários casos de ocorrência sugere-se que o morfema /*pedr-*/ represente a relação entre os alomorfes *pedr-* e *petr-*.

¹⁴ Casos como *Corpus* → *Corpora*, *Campus* → *Campi* e casos envolvendo Metafonia Vocálica, assim como em uma abordagem para o Radical, devem ser listados no léxico.

O radical de palavra pode se constituir de um único morfema de raiz (radical simples, como *roupa*); de dois morfemas de raiz (um radical composto, como *guarda-roupa*) ou de morfema de raiz mais um afixo derivacional (como *rouparia*).

A tabela 4 abaixo resume as alternâncias que ocorre nos radicais, vejamos:

ALOMORFIA DOS RADICAIS (S ~ L ~ R)		
Plural		
Alomorfes	Derivação	Vantagens
papel	papel → papeleria	- acrescenta /S/
papei	papei → papéis	
fasil	fasil → fácil	- acrescenta /S/
fasei	fasei → fáceis	
amor	amor → amoroso	- acrescenta /S/
amori	amori → amores	

Tabela 4: Alomorfia dos Radicais para os casos terminados em *-s*, *-r*, *-l*.

A alomorfia do radical também uma envolve distribuição complementar, ou seja, onde um alomorfe do radical ocorre o outro não ocorrerá.

Observamos a necessidade de assumirmos dois radicais distintos para a derivação das formas alternantes. Assim, devemos postular dois alomorfes ocorrendo no radical da palavra, como *papel* ~ *papei*, para a derivação correta de formas como *papeleria* e *papéis*.

Em resumo, esta abordagem também apresenta problemas e benefícios. Um de seus problemas será custo Gramatical, assim como na alomorfia assumida para os sufixos, uma vez que teríamos para um único item lexical dois morfemas listados no léxico. Além disso, encontramos problemas em formas como *lápiz*, *pires*, *corpus* → *corpora* e *cônsul* → *cônsules* que teriam de ser listados lexicalmente. Mas, especialmente, para as formas nominais de plural encontramos um fim específico para postular alomorfes no radical, uma vez que a representação do sufixo será sempre *-s*.

Desta forma, além da abordagem sufixal que assume três alomorfes para a formação de plural no Português, como exemplificado na Tabela 3, podemos também sugerir a

abordagem da alomorfia dos radicais, em que um único morfema de plural |s| será acrescentado ao radical de forma que processos fonológicos atuem de maneira que as formas fonéticas ocorram. Neste caso a formação de plural terá um único alomorfe |s| e a Fonologia será a responsável por gerar as formas de superfície.

A próxima seção lista os vários tipos de formação de plural no Português Brasileiro com o objetivo de apresentar generalizações sobre o tema. É uma seção estritamente de caráter descritivo. A nossa avaliação sobre a formação de plural será apresentada posteriormente.

A classificação que será apresentada sistematiza a nossa interpretação dos vários trabalhos sobre a formação de plural no Português Brasileiro (LEITE, 1974; ANDRADE, 1977; ABAURRE-GNERRE, 1983; BISOL, 1998; LEE, 1995). Tal classificação será importante para a análise a ser apresentada posteriormente.

2.5 A Formação do Plural no Português Brasileiro

Esta seção tem por objetivo listar os vários tipos de formação de plural no Português Brasileiro. Cada subseção busca fazer generalizações sobre os nomes que são pluralizados, além de apresentar exemplos que ilustram cada tipo de formação de plural.

1- Substantivos terminados em vogal ou ditongo

É o tipo de formação de plural no Português Brasileiro mais recorrente e consiste primordialmente no acréscimo de um morfema /s| sem alterações fonológicas.¹⁵

Este tipo de formação de plural acolhe as novas formações lexicais que entram constantemente em nossa língua. Assim, em uma palavra como *internet*, esperamos que seu

¹⁵ Em alguns dialetos do Português pode ocorrer a inserção de glide nos casos de vogais tônicas finais: [ka'fɛiɪs] *cafés*. Este caso pode ser explicado por uma vogal epentética e não será tratado nesta dissertação.

plural seja *internets*. Este caso engloba as palavras terminadas em vogais (orais e nasais) e ditongos, de acordo com a tabela 5 abaixo.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural
Recorrente	mesa	['meza]	['mezas]
	café	[ka'fɛ]	[ka'fɛs]
	lã	['lã]	['lãs]
	maçã	[ma'sã]	[ma'sãs]

Tabela 5: Regra Geral para formação de Plural

2- Substantivos terminados em *-l*, *-r* e *-s*

Os nomes terminados por consoante final no singular seja esta *l*, *r* ou *s* (*mar*, *animal*, *mês*) têm o plural com a inserção de uma vogal [i] ou um glide palatal. Nestes casos fenômenos fonológicos se aplicam para gerar as formas superficiais.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural	
Consoante Final	l	sal	['saw]	['sajɨs]
	r	cor	['koh]	['koris]
	s	mês	['mes]	['mezis]

Tabela 6: Plural dos Substantivos terminados em *-l*, *-r*, *-s*.

No caso da consoante final *-r* ao inserimos o alomorfe *-is* para a formação de plural irá ocorrer uma alteração no segmento final da raiz nominal, ocorrendo um tepe; ou seja, a pronúncia da consoante *-r* passa de R (r forte) para um tepe (r fraco), no dialeto de Belo Horizonte, uma vez que este se encontra entre vogais.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, no caso da consoante final *-s* ao inserimos o alomorfe *-is* para a formação de plural haverá uma alteração do segmento final da raiz

nominal. No caso da consoante –s haverá um vozeamento da sibilante (s → z), no dialeto de Belo Horizonte, uma vez que esta se encontra entre vogais.

Por outro lado, observa-se que os substantivos terminados em –l perdem esta consoante ao ocorrer a inserção do sufixo –is. É preciso distinguir dois casos:¹⁶

- a) /l/ posvocálico em sílaba tônica final: Ocorre a supressão do /l/ ao se acrescentar o morfema flexional de plural.

anzol → *anzo(l)s* → *anzóis*

barril → *barri(l)s* → *barris*

- b) /l/ posvocálico em sílaba átona final: há mutação do /i/ para /e/ e as mesmas regras precedentes se seguem.

útil → *útele* → *úte(l)is* → *úteis*

facile → *facele* → *face(l)is* → *fáceis*

Observamos para os casos apresentados no exemplo (a) que em palavras oxítonas a consoante /l/ final será suprida ao inserimos o sufixo flexional –is. Já para os casos apresentados em (b), nas palavras paroxítonas, a consoante l final é suprida ao inserimos o sufixo flexional –is, mas ocorre mutação do /i/ para /e/. Todos os casos apresentados acima implicam em alterações sonoras na interação em radical e sufixos das palavras.

¹⁶ Há casos de formações de plural com o radical terminado em –l que não se encaixam nas regras propostas acima (*mal* → *males*). Tais casos serão abordados nas formações irregulares de plural que será proposto no item 6 abaixo.

3- Substantivos com terminação em *-ão*

Observamos nestes casos de nomes terminados em *-ão* que o singular neutraliza três estruturas do radical distintas.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural	
Final em <i>-ão</i>	ãws	irmão	[ir'mãw]	[ir'mãws]
	õjs	leão	[li'ãɥ]	[li'õjs]
	ãjs	pão	['pãw]	['pãjs]

Tabela 7: Formação de Plural dos Itens terminados em *-ão*.

Como forma de sistematização, observamos que os nomes terminados em *-ão* podem formar o plural de três maneiras diferentes, de acordo com a terminação correspondente que recebiam do Latim:¹⁷

- a) Os nomes terminados em *-ão* formam plural em *-ãos*, recebendo apenas o sufixo flexional *-s*, de acordo com a tabela 8 apresentada abaixo:

Singular	Plural	Singular	Plural
bênção	bênções	órfão	órfãos
irmão	irmãos	cidadão	cidadãos

Tabela 8: Formação de Plural de Oxítonos e Paroxítonos terminados em *-ão*

¹⁷ Alguns nomes, como por exemplo, *aldeão*, apresenta três formas de plural possíveis: *aldeões*, *aldeãos* e *aldeães*. Porém estas variações livres não se apresentam frequentes na língua e sua existência se deve a motivos diacrônicos, com base nas terminações do Latim.

- b) Os nomes terminados em *-ão* formam plural em *-ões*, de acordo com a tabela 9 abaixo:

Singular	Plural	Singular	Plural
leão	leões	canção	canções
balão	balões	estação	estações

Tabela 9: Formação de Plural de *-ão* para *-ões*

- c) Os nomes terminados em *-ão* formam plural em *-ães*, de acordo com a tabela 10 abaixo:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	pão	pães
capitão	capitães	guardião	guardiães

Tabela 10: Formação de Plural de *-ão* para *-ães*

Estas estruturas só são até certo ponto ‘perturbadas’ pela possibilidade de variação livre de duas ou três formas teóricas para vários nomes. Assim para o nome *aldeão*, temos três formas de plural possíveis: *aldeões*, *aldeãos* e *aldeães*. Porém estas variações livres não se apresentam freqüentes na língua e sua existência se deve a motivos diacrônicos, com base nas terminações do Latim.

- 4- Os nomes terminados em *-s* átono:

Nas palavras que terminam em sibilante átona final no Português Brasileiro as formas de singular e de plural permanecem foneticamente idênticas.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural
Terminado em (s) final átono	lápiz	[ˈlapis]	[ˈlapis]
	pires	[ˈpiris]	[ˈpiris]

Tabela 11: Formação de Plural dos Nomes terminados com Morfema |s|

5- Metafonia Vocálica

Alguns substantivos apresentam a metafonia vocálica, que consiste em uma alteração no timbre da vogal tônica com relação a forma singular/plural. Ao receberem desinência de plural –s ocorre o abaixamento da vogal média tônica posterior, e o timbre da vogal tônica passa de [o] fechado, no singular, para [ɔ] aberto, no plural.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural	Observação
Metafonia	osso	[osʊ]	[ɔsʊs]	Marcados no léxico
	olho	[olˈju]	[ɔlˈjus]	

Tabela 12: Formação de Plural por Metafonia Vocálica

Câmara Jr. (1975) sugere que a metafonia que se verificou, no Latim, nos nomes de vogal tônica em [o] breve, por influência do [u] átono final do masculino singular. Nesse grupo de palavras, a diferença de timbre entre singular e o plural ganhou rapidamente o caráter de traço morfológico redundante com o [s] flexional, para opor singular/plural ou masculino/feminino.

6- Outros casos:

Observa-se que não é possível formular nenhuma generalização para palavras apresentadas na tabela (13) que segue. De alguma maneira estas formas devem ser analisadas como formas especiais.

Tipo de Plural	Ortografia	Singular	Plural
Outros casos	campus	[kãpus]	[kãpɪ]
	corpus	[kɔhpus]	[kɔhpora]
	mal	[maw]	[malis]
	cônsul	[kõsu]	[kõsules]

Tabela 13: Formação de Plural das Formas Irregulares

Observamos que as formas apresentadas na tabela 13 não têm produtividade e não se encaixam nos demais casos apresentados. Na próxima seção apresentamos as conclusões alcançadas com este capítulo

2.6 Conclusões

Este capítulo apresentou o conceito de plural de acordo com os aspectos Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico. Além disso, apresentou o conceito de alomorfia, bem como as regras prescritas para formação de plural no Português Brasileiro. Algumas conclusões deste capítulo são:

- 1) Dentro do aspecto semântico somente as palavras consideradas contáveis podem ser pluralizadas. Para o aspecto sintático existe uma Sintaxe para os nomes contáveis e outra para os nomes massivos, e a formação de plural ocorre dentro de uma estrutura frasal. No aspecto morfológico a formação de plural ocorre quando listamos as formas alomórficas possíveis no léxico, e a distribuição dos alomorfes será governada pelas

estruturas morfológicas e fonológicas. No campo de representação fonológica vemos que os alomorfes podem ter diferentes representações fonéticas.

- 2) Um alomorfe pode ser classificados como supletivo, em que não há formas similares ou relacionáveis fonologicamente; ou como não-supletivo, em que existem formas relacionáveis ou similares do ponto de vista fonológico.
- 3) A alomorfia pode ser descrita, ainda, em termos de variação no radical ou no sufixo da palavra.
- 4) As generalizações relativas à formação de plural no Português Brasileiro indicam a complexidade do tema ao classificarmos seis casos distintos de formação de plural, sendo que estes ainda apresentam sub-classes.
- 5) Os vários tipos de formação de plural refletem a conjugação de vários trabalhos no Português Brasileiro, que serão apresentados nos capítulos 3 e 4 a seguir.

Na presente dissertação iremos refletir sobre como resolver o problema das formas alomórficas de plural, em um modelo de gramática. É um desafio tratar das formações de plural nominal no Português. Veremos nos capítulos 3 e 4 abaixo referentes à revisão da literatura que, geralmente, alguns casos de formações de plural são escolhidos para a análise em detrimento de outros. Cientes deste fato buscaremos uma análise global na expectativa de avaliar posições teóricas distintas e entender a alomorfia no contexto da organização gramatical. O capítulo 3 fará uma revisão da literatura sobre a alomorfia na organização da Gramática.

Capítulo 3

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A ALOMORFIA

3.1 Introdução

Este capítulo tem como objetivo discutir a noção de alomorfia em diversas perspectivas teóricas. Avalia-se o Estruturalismo, o Gerativismo Clássico, A Fonologia Gerativa Natural, os Avanços no Gerativismo, o Lexicalismo e a Fonologia Lexical.

Este capítulo apresenta, portanto, a seguinte organização: na seção 3.2 apresentaremos a alomorfia de acordo com o Estruturalismo; na seção 3.3 apresentaremos o Gerativismo Clássico; na seção 3.4 mostraremos a Fonologia Gerativa Natural; na seção 3.5 trataremos de algumas noções além do Gerativismo Clássico; na seção 3.6 mostraremos a Hipótese Lexicalista; na seção 3.7 apresentaremos a Fonologia Lexical; e na seção 3.8 apontaremos as principais conclusões alcançadas neste capítulo.

3.2 A Alomorfia no âmbito do Estruturalismo

A partir do Estruturalismo Europeu, com destaque para Saussure, passa-se a estudar a língua de uma perspectiva sincrônica¹⁸. Paralelo à vertente européia surge o estruturalismo norte-americano, com Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Esses lingüistas se dedicaram a descrever exaustivamente as línguas indígenas chegando ao conceito de Morfema.

O modelo de referência deste período é conhecido como Escola Item e Arranjo e foi sistematizado inicialmente por Bloomfield (1933) em *Language*. Essa sistematização serviu

¹⁸ O estudo sincrônico enfoca o sistema linguístico em funcionamento num determinado momento, sem a perspectiva histórica.

de ponto de partida para que outros investigadores desenvolvessem o referido modelo, tal como observado por Hockett (1954). Para Hockett (1954, p. 212) a essência desse modelo é:

The essence of IA is to talk simply of things and the arrangements in which those things occur. One assumes that any utterance in a given language consists wholly of a certain number of minimum grammatically relevant elements, called morphemes, in a certain arrangement relative to each other. The structure of the utterance is specified by stating the morphemes and the arrangement. The pattern of the language is described if we list the morphemes and the arrangements in which they occur relative to each other in utterances – appending statements to cover the phonemic shapes which appear in any occurrent combination (p. 212).¹⁹

Reconhecia-se, portanto, que as palavras tinham uma estrutura interna e que estas são analisáveis em termos de morfemas. Os morfemas, por sua vez, seriam as menores unidades de significado lexical e gramatical. Dessa forma, o problema central da Linguística, para o quadro teórico estruturalista, é identificar os morfemas que compõem cada língua. A Morfologia é, portanto, de crucial importância para o Estruturalismo.

Segundo Rocha (1998) a visão Estruturalista desenvolveu com bastante rigor as técnicas de apreensão dos morfemas. Em síntese, o presente modelo se preocupou basicamente com duas coisas – fazer a segmentação dos morfemas e proceder à sua classificação.

No caso dos alomorfes, apreendidos pelo processo de distribuição completar, observa-se que a existência de diferentes alomorfes para um mesmo morfema nos remete ao problema da escolha de um deles para representar o conjunto. O alomorfe selecionado recebe o nome de Forma Básica. Para selecionar a forma básica se estabeleceram os seguintes critérios:

¹⁹ A essência de IA (item-arranjo) é a de falar de maneira simples das coisas e dos arranjos em que estas coisas ocorrem. Assume-se que qualquer enunciado em uma dada língua consiste de um certo número de elementos mínimos relevantes à gramática, chamados de morfemas, dispostos em um arranjo específico. A estrutura do enunciado é especificada estabelecendo os morfemas e o arranjo. O padrão da língua é descrito se listamos os morfemas e os arranjos em que ocorrem nos enunciados – acrescentando informações para tratar das formas fonêmicas que aparecem em combinação (Tradução minha).

a) Critério Distribucional

Dentre as variantes existentes é escolhida como forma básica aquela considerada mais freqüente. No caso da formação de plural, a forma /S/ ocorre em um maior número de casos na língua, logo é selecionado como forma básica.

b) Critério de Regularidade de Formação

Usa-se este critério quando os alomorfes apresentam a mesma freqüência. Por exemplo, o futuro do presente do indicativo é expresso por *-rá* e *-re* que ocorrem três vezes cada um (*Amarás, Amará, Amarão* e *Amarei, Amaremos, Amareis*). De acordo com o critério estatístico, os morfemas indicativos de tempo e modo apresentam formas básicas em *-a* e suas variantes em *-e*. Logo *-rá* é considerado como forma básica.

c) Critério de Isolamento

Nos casos em que uma das variantes ocorre isoladamente, enquanto outra só aparece atrelada a um novo morfema, é a primeira que deve ser considerada como a forma básica. Como exemplo, *Chapéu* possui a variante *Chapel-*, mas esta variante só é utilizada quando seguida de um morfema iniciado por vogal: *Chapelaria*. Então a forma básica deve ser a primeira.

O princípio primordial que sustenta a análise estruturalista é o da oposição lingüística. Assim, cada elemento lingüístico tem valor e individualidade à medida que se opõe a outro elemento no sistema. Assim, observamos que as formas de singular se opõem às formas de plural. O Estruturalismo definia a Morfologia flexional, que se refere a variações sintaticamente condicionadas na forma das palavras, em oposição à Morfologia Derivacional, que diz respeito à formação e estruturação das palavras.

A noção de alomorfia, neste modelo permite segmentar e classificar morfemas e afixos. Contudo, generalizações abrangentes e explicações sobre a organização gramatical deixam a desejar nesta abordagem teórica. Veremos que amplas generalizações serão sugeridas pelo modelo Gerativo Padrão que será discutido na seção seguinte.

3.3 A Alomorfa à luz do Gerativismo Clássico

Um dos postulados centrais desta teoria gerativa é que uma Gramática deve captar formalmente as generalizações que um falante faz ao usar a sua linguagem. O modelo Gerativo por não considerar um módulo morfológico atribui alta complexidade ao módulo fonológico da língua. Ao atribuir complexidade morfológica ao componente fonológico da gramática, traz implícita a hipótese de que o falante já possui as formas subjacentes que o levam a produzir formas corretas. Um dos fatores utilizados em favor das formas abstratas subjacentes é a relação semântica estabelecida pelos falantes entre formas derivadas, conforme os exemplos expostos em (31) abaixo:

(31)	['livru]	→	[li'vraria]	<i>Livraria</i>
	['paw]	→	[pa'nifikah]	<i>Panificar</i>
	[ifi'maw]	→	[ifi'mandadɪ]	<i>Irmandade</i>

Porém, para se conseguir uma economia no léxico, com a exclusão da alomorfa e do componente morfológico, uma inovação se faz necessária: as regras fonológicas alteram a organização segmental de maneira que formas superficiais diferentes são geradas para um mesmo morfema. Assim, as regras fonológicas, quando aplicadas, podem substituir um segmento por outro, apagar e/ou inserir um segmento, ou alterar a ordem dos segmentos.

O modelo Gerativo Clássico (CHOMSKY & HALLE, 1968) em suas formulações iniciais não reconhece os morfemas como unidades gramaticais de análise. Nesse modelo a Morfologia não constituía um módulo autônomo na Gramática. A ordem dos morfemas era determinada por regras sintáticas e as diferentes formas assumidas pelos morfemas eram tratadas unicamente pela Fonologia.

Neste modelo, a Sintaxe, isto é, o estudo da formação de sentenças, passou a ser o ponto central da Gramática. Dentro do quadro gerativista das décadas de setenta e oitenta, passou-se a assumir que cada componente da Gramática deveria corresponder a um módulo independente governado por seus princípios particulares. Cada módulo seria, assim, completamente independente do outro.

Por outro lado, foi necessário encontrar uma forma de diluir a Morfologia na Sintaxe e na Fonologia, e encontrar uma forma de converter informações codificadas por traços em

seqüências fonológicas. A resposta dada por Chomsky e Halle (1968) foi sob a forma de um módulo de interface entre a Sintaxe e a Fonologia, constituído por regras de reajustamento que compatibilizam a estrutura de superfície sintática e a estrutura profunda fonológica (SPENCER, 1993; VILLALVA, 1994).

As regras de reajustamento faziam a conversão das estruturas de superfície geradas pelo componente sintático em uma forma apropriada para o uso pelo componente fonológico. Dessa forma, casos drásticos de alomorfa, como a formação do tempo passado no inglês (*foot* → *feet*), eram explicados, nesse modelo, pelas regras de reajustamento.

No entanto, segundo Villalva (1986), estas regras de reajustamento não são homogêneas. Podem ser identificadas como regras que afetam uma única entrada lexical, como no caso das regras de redundância lexical, assim como regras que afetam seqüências maiores, como as regras de especificação de traços e regras de substituição de traços gramaticais por matrizes fonológicas.

Segundo Scalise (1984), tradicionalmente, podemos atestar dois tipos de alternâncias fonológicas: (a) aquelas governadas unicamente por fatores fonéticos ou fonológicos, e (b) aquelas que também são governadas por outros fatores. O segundo tipo inclui alternâncias que são restritas a certas classes sintáticas, bem como aquelas que são governadas lexicalmente ou morfológicamente (isto é, alterações que aparecem apenas em certos tipos de morfemas, ou classes de morfemas). As Regras de Reajustamento são aquelas que lidam com este segundo grupo. Dessa forma, de acordo com Aronoff (1976), as Regras de Reajustamento são aquelas restritas a morfemas específicos que se envolvem apenas com morfemas específicos.

Em última instancia as regras de reajuste são utilizadas como as responsáveis pela ‘limpeza’ das representações de superfície, geradas pela Sintaxe, para que estas sejam entradas válidas para o componente fonológico (por exemplo, elimina qualquer limite desnecessário para as regras fonológicas). O componente de reajuste não pode ser confundido com um componente morfológico, uma vez que suas regras não são exclusivamente morfológicas.

Segundo Abaurre-Gnerre (1983) a proposta da Fonologia Gerativa Clássica criou, de certa forma, a expectativa de uma simplificação no tratamento de aspectos tradicionalmente tidos como complexos na Morfologia da língua. No entanto, ainda segundo a autora, esta simplificação fora obtida às custas de uma abstração excessiva nas formas subjacentes propostas, e de uma conseqüente complicação dos aspectos fonológicos. Abaurre-Gnerre

(1983) propõem, então, avaliar o modelo da Fonologia Gerativa Natural. A próxima seção tratará sobre tal modelo.

3.4 A Fonologia Gerativa Natural

Uma das principais características da Fonologia Gerativa Natural é o fato de o modelo propor fortes restrições à abstração, presente na Fonologia Gerativa Standard. A primeira proposta neste sentido fora a Condição de Naturalidade Forte (VENNEMANN, 1973; *apud* ABAURRE-GNERRE, 1983). Esta condição requer que morfemas não-alternantes tenham formas subjacentes idênticas às suas representações fonéticas, e que morfemas alternantes tenham um dos alomorfes superficiais listados no léxico e os demais derivados a partir dele. A Condição de Naturalidade Forte proíbe ainda que sejam propostas formas subjacentes híbridas, reunindo características de mais de um alomorfe de um morfema alternante.

A escolha do alomorfe básico para figurar no léxico era determinada pela Condição de Não Ordenação na aplicação de regras e pela própria Condição de Naturalidade Forte. Vale ressaltar que, a aplicação de regras, neste modelo, obedece à ordem seqüencial casual, ou seja, uma regra deve ser aplicada sempre que sua descrição estrutural é satisfeita. A Condição de Naturalidade Forte fora revisada, mais tarde, uma vez que, em alguns casos levava à proposta de regras não naturais.

Observamos, no entanto, que uma consequência direta de uma teoria fonológica que incorpora a Condição de Naturalidade Forte é o excesso de informação redundante presente no léxico (HOOPER, 1973, p.22; *apud* ABAURRE-GNERRE, 1983)

In this system the lexical entries contain a great deal of redundant information, whereas in TGG some of the redundant information is abstracted out of the lexical forms and stated in phonological rules (...). In NGG the generalizations that may be formulated about the phonological properties of the forms of the language are stated in phonological rules; these rules apply vacuously to lexical forms, and in a generative capacity to derived forms (HOOPER, 1973, p.22; *apud* ABAURRE-GNERRE, 1983).²⁰

A Fonologia Gerativa Natural entrava em conflito teórico com a Fonologia Gerativa Clássica, sobretudo por incorporar informações redundantes às representações. O modelo Gerativo Clássico priorizava a economia descritiva tentando reduzir ao máximo informações redundantes na Gramática.

A Fonologia Gerativa Natural distingue as regras que são foneticamente motivadas (regras fonológicas) daquelas que são condicionadas por propriedades morfosintáticas (regras morfofonêmicas). Assim, outra diferença fundamental entre a Fonologia Natural e a Fonologia Standard se mostra evidente em alternâncias que não têm condicionamento fonético. A esse respeito, Hooper sugere que (1973; *apud* ABAURRE-GNERRE, 1983):

NGG and TGG make essentially the same claims as regards phonetically motivated processes. The difference between the theories lies in the derivation of morphophonemic alternations (...); the alternations that NGG would describe directly as a function of morphological categories, TGG describes as a result of abstract phonological and ordered rules (HOOPER, 1973; *apud* ABAURRE-GNERRE, 1983).²¹

²⁰ Neste sistema as entradas lexicais continham um grande número de informações redundantes, enquanto na Fonologia Gerativa Tradicional algumas destas informações eram abstraídas das entradas lexicais e consideradas nas regras fonológicas (...). Na Fonologia Gerativa Natural as generalizações que possam ser formuladas sobre as propriedades fonológicas das formas da língua serão apresentados em regras fonológicas; estas regras se aplicam às formas lexicais e na capacidade gerativa de derivar tais formas (Tradução minha).

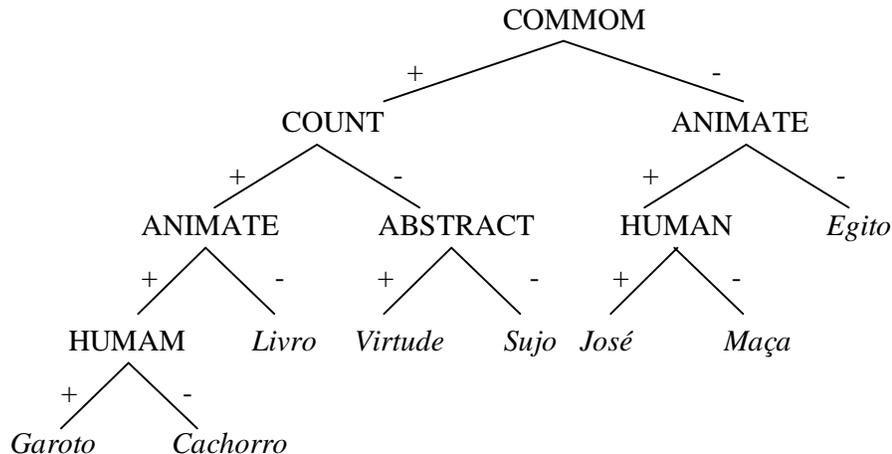
²¹ A Fonologia Gerativa Natural e a Fonologia Gerativa Standard fazem essencialmente as mesmas alegações a respeito dos processos fonologicamente motivados. A diferença entre as duas teorias surge na derivação de alternâncias morfofonêmicas (...); as alternâncias que a Gerativa Natural descreveria diretamente como função das categorias Morfológicas, a Gerativa Standard descreveria como resultado de uma abstração fonológica e ordenamento de regras (Tradução minha).

Em *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957) o léxico não fora considerado como um componente autônomo da gramática – as regras que introduziam os itens lexicais eram as últimas regras do componente categorial. O componente categorial possuía apenas um tipo de regra tanto para expandir os símbolos categoriais quanto para introduzir os itens lexicais. Vejamos em (33) as chamadas Regras de Reescrita:

- (33) $S \rightarrow NP + Aux + VP$
 $NP \rightarrow Det + N$
 $VP \rightarrow V + NP$
 $Aux \rightarrow \text{presente, passado...}$

Apenas os morfemas podiam ser inseridos por estas regras. A modificação mais importante deste quadro foi apresentada por Chomsky (1965) em *Aspects*, com a separação do léxico das chamadas Regras de Reescrita. A organização do léxico presente em *Aspects* pode ser considerada o maior passo em direção ao que chamamos de lexicalismo – a fim de simplificar o sistema das regras de base foram dados uma grande importância e peso ao léxico.

No modelo *Aspects*, apresentado por Chomsky (1965), o símbolo das categorias atômicas era subcaracterizados através de uma matriz de traços, na qual vários tipos de informação eram codificados (SCALISE & GUEVARA, 2005). Dois tipos de matrizes de traços eram utilizados: a primeira era um sistema de traços inerentes descritos nas entradas lexicais, de acordo com a figura 1, adaptado de Scalise & Guevara, 2005:



Garoto = [+comum, + contável, +animado, +humano]

Egito = [- comum, - animado]

Figura 1: Traços Inerentes das Entradas Lexicais.

O segundo tipo de subcategorização consiste em um sistema de traços contextuais que especifica o envolvimento sintático no qual uma entrada lexical pode aparecer (também chamado de subcaracterização estrita):

Comer [+__ NP]: *João come verdura*

Parecer [+__ Adjetivo]: *João parece triste*

[+__ Predicativo Nominal]: *João se parece com seu pai*

A noção de léxico presente em *Aspects* ainda era uma noção estática – sua única função era servir de base para a Sintaxe entre as palavras. Chomsky (1965, p. 187) sugeriu que: “alternatively, it may be necessary to extend the theory of the lexicon to permit some internal computation”.²²

²² Talvez fosse necessário estender a teoria do léxico para permitir alguma computação interna (Tradução minha).

Desde Chomsky (1970) tem prevalecido a hipótese de que a Morfologia é localizada em um componente separado na gramática, e que as estruturas de palavras complexas são determinadas por regras similares às regras de estruturas frasais, presentes na Sintaxe. Isto significa que, as estruturas morfológicas têm sido organizadas, assim como as estruturas sintáticas, com representações arbóreas. Noções como ‘cabeça’ não só desempenham um papel importante na Sintaxe, mas também na contabilização da estrutura morfológica das palavras.

Remarks on Nominalization iniciou uma perspectiva totalmente diferente no fenômeno morfológico sugerindo que pelo menos as palavras complexas são devidamente explicadas como uma formação lexical, e não como uma transformação – palavras complexas derivadas são construídas no léxico, enquanto que palavras complexas flexionadas são geradas pelas transformações sintáticas. Estas reformulações do modelo, de alguma maneira, estão na origem do reconhecimento da Morfologia como uma entidade autônoma na gramática transformacional, sendo o Lexicalismo o precursor nesta direção. A próxima seção discute a Hipótese Lexicalista e os avanços nesta proposta.

3.6 O Lexicalismo

Em relação ao tratamento dos processos flexionais temos duas possibilidades: a hipótese lexicalista forte e a hipótese lexicalista fraca. A hipótese lexicalista forte exclui todo fenômeno morfológico da Sintaxe (HALLE, 1973; JACKENDOFF, 1975; LIEBER 1980; WILLIAMS, 1981; KIPARSKY, 1982). O processo de formação de palavras e as regras para a flexão são aplicados em um componente pré-sintático, o léxico. Isto implica que a afixação flexional seja processada no léxico e que as palavras presentes na estrutura sintática subjacente sejam palavras flexionadas. É usualmente complementada com a hipótese de que regras sintáticas não podem modificar, mover ou apagar partes das palavras – esta hipótese é chamada de Princípio da Integridade Lexical. Este princípio pode ser definido da seguinte forma (LAPOINTE, 1980):

Hipótese Lexicalista Generalizada

Nenhuma regra sintática pode se referir a elementos da estrutura morfológica

A hipótese lexicalista forte demanda uma divisão entre a Sintaxe e a Morfologia, e assim sendo, não dá conta da variedade de fenômenos que demandam algum grau de interação entre estes dois componentes da gramática (HALLE, 1973; JACKENDOFF, 1975; LIEBER 1980; WILLIAMS, 1981; KIPARSKY, 1982). Nesta perspectiva a alomorfa encontra problemas de descrição devido a uma série de contra-exemplos que têm sido levantados pelos pesquisadores. Estes contra-exemplos levaram os lingüistas a conceber que o componente morfológico deve ter alguma interação com a Sintaxe (LIEBER, 1992). A extensão desta interação, como concebido em vários estudos, é a chamada hipótese lexicalista fraca, que abre alguma área sistemática em que a Sintaxe e a Morfologia podem interagir. Trataremos da hipótese lexicalista fraca mais adiante.

Lieber (1992; *apud*, SCALISE & GUEVARA, 2005) examina uma série de contra-exemplos que a hipótese lexicalista forte não é capaz de explicar. Vejamos os seguintes casos, para o inglês, apresentados por Lieber (1992; *apud*, SCALISE & GUEVARA, 2005):

a) Frases Compostas

Eng.	<i>A[[floor of birdcage] taste]</i>	
	<i>An[[ate too much] headache]</i>	
Afrik.	<i>[[God is dood] theologie]</i>	‘god is dead theology’
Du.	<i>[[Lach of ik schiet] humor]</i>	‘laugh or I shoot humor’
Ger.	<i>Die[[wer war das] frage]</i>	‘the who was that question’

b) Inglês Possessivo

Mary’s eyes
[a friend of mine]’s book

Os compostos frasais são formados pela junção de uma frase (NP, VP, etc.) e um substantivo; estes compostos são bastante produtivos em inglês e outras línguas germânicas. O fato de um constituinte do composto frasal não poder ser separado ou modificado sugere que os compostos devem ser considerados palavras (obedecendo a Hipótese de Integridade Lexical). No entanto, esta validação prejudica a hipótese lexicalista forte uma vez que a interação entre a sintaxe e a morfologia é necessária para explicar a produtividade dos compostos frasais.

A marca de possessivo em Inglês pode ser anexada não apenas a palavras, mas também a NPs. Este fato, também, representa um grave exemplo contra a hipótese lexicalista forte – se a sintaxe e a morfologia não podem interagir, então é impossível formular uma regra morfológica para acrescentar afixos a uma categoria frasal.

O modelo lexicalista forte é essencialmente linear: o componente morfológico (léxico + Regra de Formação de Palavras) fornece palavras simples e complexas, alimentando as estruturas criadas pela Sintaxe. O único ponto de interação entre os dois campos neste modelo é a inserção lexical, o mecanismo pelo qual os nós terminais das árvores sintáticas são preenchidos com palavras. O esquema abaixo, de acordo com Scalise & Guevara (2005), representa este modelo:

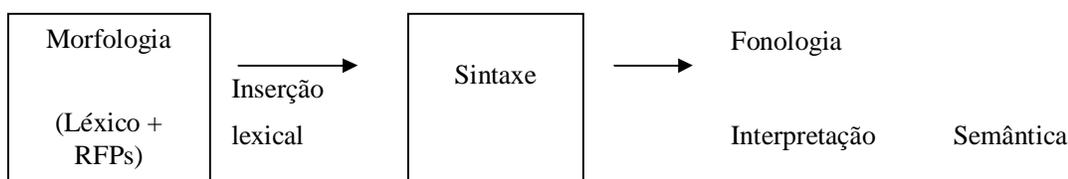


Figura 2: O Modelo da Hipótese Lexicalista Forte

Como podemos verificar na figura 2 a comunicação entre Morfologia e Sintaxe é restringida ao mínimo. O léxico alimenta o ponto inicial das derivações sintáticas, deixando a Fonologia e a interpretação semântica para depois que a computação sintática tenha sido realizada.

Temos, por outro lado, a hipótese lexicalista fraca, que considera que somente uma parte da Morfologia, a parte relacionada com os processos derivacionais, está presente no léxico (CHOMSKY & HALLE, 1968; CHOMSKY, 1970; SIEGEL, 1974; ALLEN, 1978; ANDERSON, 1992). Os processos flexionais, sendo sintaticamente motivados, não seriam da alçada lexical. Desta maneira a abordagem lexicalista fraca assume que os processos flexionais ocorrem nas operações sintáticas. A flexão não seria processada no léxico, mas sim na Sintaxe ou na Fonologia Pós-Sintática, de acordo com Chomsky & Halle (1968), Chomsky (1970), Siegel (1974), Allen (1978) e Anderson (1992).

As regras para Morfologia flexional se aplicam depois do componente sintático, entremeadas às regras fonológicas. Anderson (1982) define a flexão como sendo a Morfologia

relevante para a Sintaxe – a Morfologia flexional realiza todos os traços morfossintáticos de uma palavra. A flexão cumpre ainda o papel de ajustar as palavras fornecidas pelo léxico às exigências morfossintáticas do componente sintático. A arquitetura do modelo proposto por Anderson (1982) pode ser visto na figura 3 abaixo:

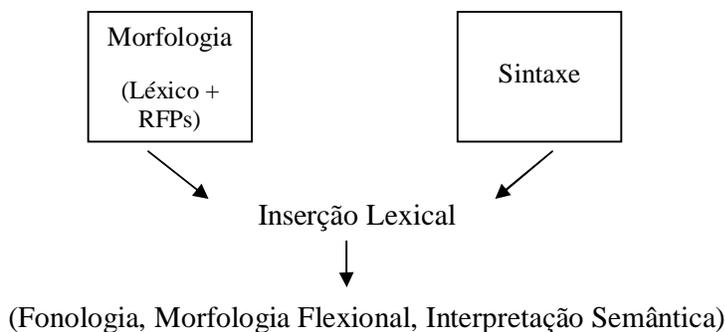


Figura 3: O Modelo da Hipótese Lexicalista Fraca

Argumentos contra a Hipótese Lexicalista (tanto Forte, quanto Fraca) têm sido defendidos pelos modelos sintáticos que argumentam que o fenômeno de formação de palavras segue restrições sintáticas, interagindo com as operações sintáticas e que, portanto, devem ser incluídas dentro do âmbito do componente sintático. Esta idéia tem dominado, o debate teórico desde os anos 90. No âmbito da Fonologia o modelo da Fonologia Lexical, a ser discutido na seção seguinte também sugere a interação da Sintaxe com fenômenos Morfológicos.

3.7 A Fonologia Lexical

A Fonologia Lexical fora, sobretudo, um modelo que possibilitou uma interação entre os módulos da Fonologia, Morfologia e Sintaxe (KIPARSKY, 1982; LEE, 1995). Segundo Bisol (2005) a Morfologia gerativa, desenvolvida por Siegel (1974) e Aronoff (1976), assim como a sugestão de muitos sintaticistas da primeira versão gerativa de reforçar o léxico para diminuir o poder das transformações, está refletida na Fonologia Lexical, que se propõe a

olhar para o léxico não só como um repositório de idiossincrasias, mas como um domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas e com a Sintaxe.

O modelo da Fonologia Lexical organiza-se em dois componentes: o lexical e o pós-lexical. Regras que interagem com a Morfologia pertencem ao primeiro componente, o lexical. Por outro lado, regras de ajustes fonológicos pertencem ao segundo componente, o pós-lexical. Regras lexicais são definidas pelas propriedades expostas abaixo, enquanto as regras pós-lexicais são definidas pela ausência dessas propriedades:

Regras Lexicais

São cíclicas

São sensíveis à Condição do Ciclo Estrito

São preservadoras, ou seja, atendem ao Princípio da Preservação de Estrutura

Têm exceções

Regras Pós-Lexicais

Não são cíclicas, portanto desconhecem a ciclicidade estrita

Não são preservadoras

Não têm exceções

Segundo Kenstowicz (1993), desde a inserção do estudo científico da Fonologia, lingüistas notaram que as alternâncias fonológicas eram regidas por regras e estas tendiam a ser separadas em duas grandes classes: uma classe que se apresenta sensível ao ambiente morfológico e lexical e outra classe que não tem relação com o ambiente morfológico ou lexical. A Fonologia Lexical é o modelo que permite expressar este comportamento diferenciado das regras de interação entre Fonologia e Morfologia.

Kiparsky, em suas formulações iniciais, discute o caso notório da fricativa velar em Inglês, que no *The Sound Pattern of English* obedecia à regra fonológica do encurtamento trissilábico, em que uma vogal longa se torna curta, quando seguida por duas sílabas curtas. A regra que encurta a terceira sílaba a contar da direita tem a seguinte forma:

1) Encurtamento Silábico

$V \rightarrow [-\text{long}] / _C_0V_iC_0V_j$ onde V_i não é metricamente forte

Exemplo: *Opaque* → *Opacity*
 [ej] [æ]
 V: → V

Esta regra se aplicava a exemplos de alternâncias como: *sane* ~ *sanity*, *divine* ~ *divinity*, *verbose* ~ *verbosity*, *obscene* ~ *obscenity*. Chomsky e Halle (1968), no entanto, notaram que a regra falhava ao se aplicar no caso de *right* ~ *righteous*.

Para os casos de exceção Chomsky e Halle (1968) sugeriram a estrutura subjacente /rixtVej:s/, contando com a regra que faria o seguinte percurso: $ix \rightarrow \bar{i} \rightarrow aj$. No entanto a presença de um X, sem correspondente na estrutura de superfície (neutralização absoluta²³), força a um ajustamento indesejável entre a estrutura subjacente e a estrutura de superfície.

A primeira tentativa de se limitar às abstrações foi a condição de alternância, que proíbe representações subjacentes que não tenham elementos na representação de superfície. Mais tarde, Kiparsky (1973) revisa tal condição em termos da condição de alternância revisada, com o objetivo de restringir as abstrações nas Representações de Base. A seguir apresentamos a Condição de Alternância proposta em Kiparsky (1973) e a versão revisada desta condição de Alternância.

D) Condição de Alternância (Kiparsky, 1973)

Regras de neutralização obrigatória não se aplicam em todas as ocorrências de um morfema.

²³ Casos de neutralização absoluta são aqueles em que a estrutura subjacente de uma palavra, como *nightingale*, por exemplo, é considerada como /nixtVngæɫ/, contando com regras que fazem o seguinte percurso: $ix > \bar{i} > aj$. O segmento /X/ representa uma vogal que nunca é pronunciada em nenhuma palavra do inglês. Tal segmento é comumente chamado de segmento abstrato, e invariavelmente transformado por regras fonológicas. Sempre que temos um segmento abstrato que nunca ganha forma na representação de superfície dizemos que temos uma neutralização absoluta

II) Condição de Alternância Revista (RAC)

Regras de neutralização obrigatória somente se aplicam em ambientes derivados.

A Condição de Alternância prevê que em uma regra de neutralização obrigatória somente se aplica em estruturas subjacentes envolvidas com combinação de morfemas, persistindo a proibição de abstrações em alto grau. Ou seja, a Condição de Alternância busca estruturar as relações entre as Representações Subjacentes e as Superficiais.

O próximo avanço significativo relacionado ao problema de regras em ambientes derivados foi feito por Mascaró (1976; *apud* KENSTOWICZ, 1993). Mascaró (1976) descobriu razões para sugerir que as restrições em contextos derivados são uma propriedade de regras cíclicas. Esta proposta sugere que uma regra pode se aplicar em diferentes estágios de uma derivação. Assim, a interação entre formas subjacentes e superficiais, bem como a relação entre a Fonologia e a Morfologia são avaliadas de maneira menos abstratas. Segundo Spencer (1993) a idéia fundamental atrás da teoria de ciclos é permitir que a mesma regra se aplique mais de uma vez durante a derivação.

O ciclo pressupõe uma derivação por estágio criado pelas regras morfológicas, repetindo-se as regras fonológicas em seqüências que vão se diferenciando por acréscimo de morfemas ou pela aplicação de uma regra fonológica.

A teoria que acomoda a ciclicidade nas derivações, proposta por Kiparsky (1982) e Mascaró (1976), tem consideráveis implicações para a alomorfia. Implica-se, assim, que as classes identificáveis de regras fonológicas, denominadas de regras cíclicas, são as responsáveis pelo condicionamento morfológico na variação alomórfica. Os alomorfes que são condicionados puramente pela Fonologia podem ser descritos, sem nenhuma estipulação especial, sendo compreendidos como uma conseqüência da organização da gramática.

Kiparsky (1982) propõe, para obter o efeito de ciclo, a incorporação da versão formulada por Siegel (1974) da hipótese por ordenação de níveis. Dessa forma, as Regras de Formação de Palavras (RFPs) responsáveis pela articulação Morfologia/Fonologia são parte do léxico e, segundo a teoria, estão organizadas em blocos ou estratos e dispostas de forma hierárquica no léxico do falante. Isto quer dizer que há níveis de ordenação entre os estratos e suas respectivas Regras de Formação de Palavras. Cada um dos níveis oferece diferentes processos e regras morfológicas aos itens lexicais.

No modelo da Fonologia Lexical as línguas têm, pelo menos, dois estratos lexicais. Os afixos, como parte integrante dos itens lexicais, estão também condicionados em diferentes estratos. Dessa forma, podem ser divididos em dois tipos baseando-se em seu comportamento fonológico – os afixos neutros, que não apresentam nenhum efeito fonológico na base na qual estão se anexando; e os afixos não-neutros, que afetam, de alguma forma, o segmento vocálico ou consonantal presente na base, ou mesmo afetam a localização do acento.

Esta diferença no comportamento dos afixos será tratada na Fonologia Lexical em termos de ordenação de níveis. Isto significa que os afixos serão adicionados em diferentes estratos do léxico. Cada estrato está relacionado a uma série de regras morfológicas responsáveis pela construção das palavras; e a estas regras morfológicas estão ligadas as regras fonológicas que indicam como a estrutura construída será pronunciada.

A Fonologia Lexical trabalha com três níveis de representação de palavras: a) o subjacente, b) o lexical, e c) o fonético ou pós-lexical.

A Fonologia Lexical postula três representações diferentes: representação subjacente, representação lexical e representação fonética. Neste modelo, há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo que se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; e um outro tipo, cuja aplicação se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-lexicais. Depois da aplicação das regras pós-lexicais é que a representação fonética se realiza (LEE, 1995).

A interação que ocorre entre as regras morfológicas e as regras fonológicas deriva as chamadas representações lexicais, distintas da representação subjacente (LEE, 1995). Segundo Lee (1995), “as representações lexicais são as palavras geradas pelo léxico, que, inseridas nas estruturas sintáticas, permitem a constituição de sintagmas através de regras de inserção lexical”. Finalmente, os sintagmas da Sintaxe passam pelo componente fonológico pós-lexical para terem realização fonética.

O modelo baseado em níveis, apresentado por Kiparsky (1982), pode ser sumarizado de acordo com a figura (4) abaixo:

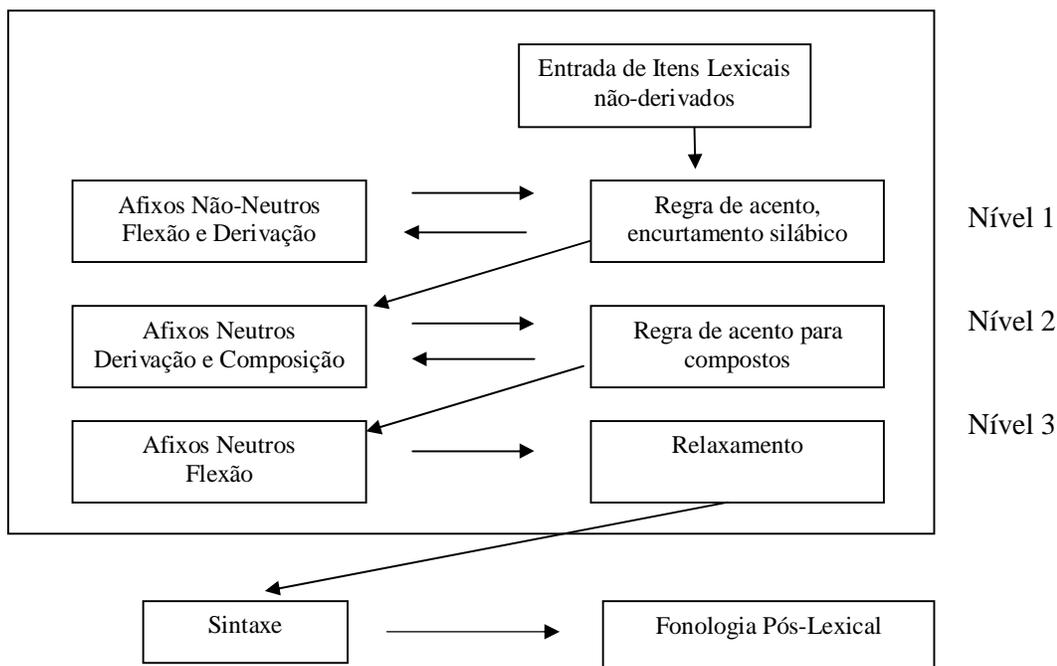


Figura 4: Modelo baseado em níveis proposto por Kiparsky (1982)

O estrato 1 adiciona os afixos considerados não-neutros, enquanto o estrato 2 os afixos neutros. Uma importante observação a ser feita neste ponto é que uma vez que o processo fora aplicado no estrato 1 será bloqueada sua nova aplicação no estrato 2. Isto significa que se uma forma irregular já fora formada no estrato 1, será bloqueada a aplicação do processo geral pelo estrato 2. Esta condição é a chamada *Elsewhere Condition*, ou seja, a aplicação de uma regra geral é bloqueada quando uma regra especial já fora aplicada. A *Elsewhere Condition* bloqueia, dessa forma, a dupla marcação de plural. Assim, se um nome já recebeu a marca de plural no estrato 1, sua nova aplicação será bloqueada no estrato 3, evitando formas como *campis* e *corporas*. Mas se nenhuma marca de plural é estipulada no estrato 1, a sufixação regular de *-s* como marca de plural é aplicada regularmente pelo estrato 3.

No que tange a questão da formação de plural, temos que o estrato 1 será o responsável pelas formações irregulares, aplicando os afixos considerados imprevisíveis; já o estrato 3 trata da formação regular de plural, ou seja adiciona apenas o sufixo *-s*.

A principal contribuição do Modelo da Fonologia Lexical fora a possibilidade de interação entre os campos Fonologia e Morfologia (em nível lexical) e da Sintaxe (em nível pós-lexical). Esta interação representará um passo importante para a descrição da alomorfia.

3.8 Conclusões

Neste capítulo apresentamos um breve percurso histórico da análise de processos morfológicos de alomorfia, partindo do Modelo Teórico do Estruturalismo, até a Teoria da Fonologia Lexical. Fizemos um percurso histórico sobre a noção de alomorfia em vários modelos. Pudemos observar que tal noção é complexa e exige um debate sobre o lugar dos alomorfes em um modelo de gramática.

A discussão apresentada neste capítulo focalizou a noção de alomorfia em diferentes modelos teóricos, bem como a contextualização da Morfologia na Gramática. Vejamos as hipóteses iniciais formuladas nesta dissertação:

- 1) A alomorfia é um processo que se explica adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática.
 - i) Casos de alomorfia evidenciam a interface entre, pelo menos, dois componentes da Gramática.
 - ii) A alomorfia requer um modelo de análise gramatical.

Para explorarmos tais hipóteses pretendemos avaliar respostas as seguintes perguntas:

- a) Como a interface entre os módulos – Fonológico, Morfológico e Sintático – interage para a formação de plural?
- b) O processo de alomorfia poderá ser melhor acomodado se assumirmos a interação entre vários modelos de gramática?

O próximo capítulo apresenta aspectos relevantes para a discussão de alomorfia de plural no Português Brasileiro ao revisarmos alguns dos trabalhos sobre este tema.

Capítulo 4

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A FORMAÇÃO DE PLURAL

4.1 Introdução

Este capítulo apresenta a revisão de alguns trabalhos que trataram da formação de plural no Português Brasileiro. O aspecto central a ser abordado é como os autores sugerem que se dá a formação do plural. Os trabalhos discutidos neste capítulo geralmente se restringem a analisar alguns casos específicos de formação de plural do Português. Certamente, uma análise de todos os casos de formação de plural é complexa e, possível, mas ainda não foi empreendida em um único trabalho.

O ponto central a ser avaliado nesta dissertação é como se dá a formação de plural na organização da gramática. Assim, os tópicos a serem discutidos neste capítulo têm por meta avaliar a alomorfia de plural na organização gramatical.

Este capítulo apresenta a seguinte organização: na seção 4.2 apresentaremos o trabalho de Câmara Jr. (1970); na seção 4.3 apontaremos o trabalho de Leite (1974); na seção 4.4 mostraremos o trabalho de Andrade (1977); na seção 4.5 trataremos do trabalho de Abaurre-Gnerre (1983); na seção 4.6 mostraremos o trabalho de Bisol (1998); na seção 4.7 apontaremos o trabalho de Lee (1995); e na seção 4.8 apresentaremos as principais conclusões alcançadas com este capítulo.

4.2 Câmara Jr. (1970)

Câmara Jr. (1970) afirma que o morfema flexional de plural é fonologicamente o arquifonema /S/, este arquifonema possui quatro alofones [s], [z], [ʃ], [ʒ], em posição posvocálica final. Em seus estudos o autor mostra que o morfema flexional de plural no Português Brasileiro pode se realizar com dois ou três alomorfes.

Assim como nos casos de flexão de gênero, Câmara Jr. trata a flexão de número como uma oposição privativa, em que o membro marcado, o plural, se opõe a um membro não marcado, o singular.

Câmara Jr. afirma, ainda, que exceto os casos de alomorfas condicionadas fonologicamente, existe um mecanismo puramente morfológico. Assim, estruturas nominais que sofrem mudanças fonológicas quando acrescentamos o morfema flexional /S/ de plural são classificadas pelo autor como alomorfas condicionadas morfológicamente, como é o caso dos nomes que terminam em consoante no singular (*mar, animal, paz*).

Câmara Jr (1972; *apud* Leite 1974) também assume que no que tange o plural das palavras terminadas em *-ão*, uma vez que podem apresentar três terminações *-ões*, *-ãos* ou *-ães*, devem ser marcadas de acordo com a subclasse a qual pertencem. No entanto, pode-se observar que a forma preferida para o plural de *-ão* é *-ões*, conforme atestado por Câmara Jr. (1972):

De um ponto de vista sincrônico, a distribuição das três formas é arbitrária e muitas vezes confusa, mesmo do ponto de vista de variação livre, embora seja aceito pelos gramáticos (ex: aldeãos, aldeões, aldeães ‘aldeão’) ou (‘cidadãos’ é aceito enquanto ‘cidadões’ é rejeitado para o plural da forma cidadão). Embora exista um desacordo significativo sobre este ponto (bem como na literatura), uma tendência para a fixação do padrão morfofonêmico *-ão* : *-ões* é aparente.

A questão a ser levantada, neste ponto, seria por que a regra morfofonêmica para a formação de plural de $[-ãw] \rightarrow [-õys]$ é considerada a preferida? Segundo Câmara Jr. (1972) esta explicação ainda não é clara:

Isto é uma consequência das circunstâncias em que as palavras que formalmente possuem *-om* são mais freqüentes na linguagem moderna do que aquelas que possuem originalmente *-ão* ou *-am*. O tipo em *-om* inclui, por exemplo, todos os nomes de ação relacionados a radicais verbais (ex: consolação, persuasão, omissão).

Em seu trabalho Câmara Jr (1970) afirma que a oposição singular : plural permeia todo o conjunto de nomes Portugueses. E aplica-se não só ao que chamamos de ‘quantidades descontínuas’, vistas como indivíduos e sua soma, mas também as quantidades contínuas, em que falta a conceituação de indivíduos componentes, como *açúcar, farinha, ferro*.

A próxima seção avalia o trabalho de Leite (1974).

4.3 Leite (1974)

Leite (1974) analisa a flexão de plural no Português na perspectiva da Fonologia Gerativa Clássica. A autora pretende apresentar um trabalho abrangente, deixando de avaliar apenas os casos de plurais formados por Metafonia Vocálica. O mérito deste trabalho foi discutir um modelo teórico novo, na época, assim como tentar avaliar a grande maioria dos casos de formação de plural do Português Brasileiro.

O modelo Gerativo Clássico, assumido pela autora, atribui complexidade e abstração ao componente fonológico da gramática e traz implícita a hipótese de que o falante já possui as formas subjacentes que o levam a produzir a forma correta de plural. Um dos fatores utilizados em favor das formas abstratas subjacentes é a relação semântica estabelecida pelos falantes entre formas derivadas.

Conforme ainda será apresentado detalhadamente neste capítulo, Abaurre-Gnerre (1983) discorre sobre uma importante crítica a Fonologia Gerativa Standard: a abstração presente nas representações subjacentes. Como forma de exemplificação, a autora examina casos das formas de plural em *-ão*, para o Português Brasileiro e sugere um conjunto de regras para dar conta de diversas formas superficiais. Para a autora a derivação das formas, da tabela 14, devem obedecer ao seguinte conjunto de regras extrinsecamente ordenadas:

- | | |
|----------------------|---------------------------|
| 1- Acentuação | 6- Apagamento de -n |
| 2- Nasalização | 7- Levantamento de vogal |
| 3- Apócope | 8- Formação de glide |
| 4- Vocalização de -n | 9- Nasalização secundária |
| 5- Desarredondamento | |

	/sermone/	/sermone+ s/	/pane/	/pane+ s/	/irmano/	/irmano+ s/
1	sermóne	sermónes	páne	pánes	irmáno	irmános
2	sermóne	sermónes	péne	pénes	irmáno	irmános
3	sermón	_____	pén	_____	_____	_____
4	sermów	_____	péw	_____	_____	_____
5	serméw	_____	_____	_____	_____	_____
6	_____	sermó es	_____	pé es	irmá o	irmá os
7	_____	se mó is	_____	pé is	irmá u	irmá us
8	_____	sermóys	_____	péys	irmáw	irmáws
9	_____	sermóys	_____	péys	irmáw	irmáws
	[sexméw]	[sexmóys]	[péw]	[péys]	[ixmáw]	[ixmáws]

Tabela 14: Derivação das Representações Subjacentes

Podemos observar que a alternância singular / plural para a formação da forma de superfície é descrita como resultado da aplicação de regras extrinsecamente ordenadas a representações fonológicas subjacentes.

Em análises de cunho gerativistas clássicas assumia-se, portanto, que o plural era indicado sempre pelo acréscimo do morfema |s| na língua, sendo os processos fonológicos responsáveis por gerar as formas superficiais. Embora de cunho gerativista a análise de Leite (1974) assume que a formação de plural é descrita por meio de certas regras morfofonológicas. Assim:

With this solution, pluralization is not considered a simple phonological process but a highly complex morphophonological one. And is worth noting here that grammatical markedness, paradigmatic regularity and other notions of opacity are of no value in this case (LEITE, 1974, p.80)²⁴.

²⁴ Através desta solução a pluralização não é considerada como um simples processo fonológico, mas sim como processo altamente morfofonológico. E é interessante notar que a marcação gramatical, a regularidade paradigmática e outras noções de opacidade não possuem valor, neste caso.

Leite (1974) formula várias regras morfofonológicas que buscam explicar vários casos de formação de plural no Português Brasileiro. Vejamos algumas destas regras. A regra que se segue é postulada para explicar os casos regulares de formação de plural e de palavras paroxítonas terminadas em sibilante. Os casos regulares recebem o morfema |s|, como por exemplo *casa* → *casas*; já os casos de palavras paroxítonas terminadas em sibilante irão receber o morfema |∅|, como em *pires*. Neste ultimo caso as formas de singular e plural são pronunciadas da mesma maneira. Consideremos a regra.

a) Pluralização

$$PI \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \emptyset \left[\begin{array}{l} V \\ -stress \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} +estridente \\ +coronal \end{array} \right] \text{ — } \\ S / \text{ — } \end{array} \right\}$$

A regra geral de formação de plural no Português Brasileiro, apresentada em (a), é disjuntiva, ou seja, ou uma ou a outra opção da regra se aplica. A regra (a) determina a inserção de sufixo que insere o morfema |∅| para a formação de plural nas palavras paroxítonas terminadas em sibilante, como por exemplo *pires* e *lápiz*, ou a regra insere o morfema |s| nos demais casos que são regulares, como em *casas*.

Consideremos, a seguir, a regra que busca explicar a inserção de uma vogal alta anterior [i] em formas terminadas com [r] ou sibilante final em sílaba acentuada, como por exemplo *amor* → *amores* ou *luz* → *luzes*. Vejamos a regra proposta por Leite (1974).

b) Inserção-i

$$\emptyset \rightarrow \left[\begin{array}{l} -cons \\ +voc \\ +high \\ -back \end{array} \right] / \left\{ \begin{array}{l} \left[\begin{array}{l} V \\ +stress \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} +strid \\ +cor \end{array} \right] \\ \left[\begin{array}{l} +cont \\ -lat \end{array} \right] \end{array} \right\} \text{ — } + s$$

A regra (b) prevê a inserção de uma vogal alta anterior entre a consoante final do nome e o morfema de plural. Note que o morfema de plural teria sido previamente inserido pela regra (a). Teríamos, portanto:

Regra (a)	<i>amor + s</i>	<i>luz + s</i>
Regra (b)	<i>amoris</i>	<i>luzis</i>
	[a 'moris]	['luzis]

A regra (a) insere o morfema |s| após o nome e a regra (b) insere uma vogal [i] entre as duas consoantes finais. Consideramos, a seguir as regras (c) e (d) que buscam explicar formas terminadas em lateral átona final, como por exemplo em *fácil* → *fáceis*.

c) I-lowering

$$\begin{bmatrix} +\text{high} \\ -\text{back} \\ -\text{stress} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{high}] / \text{_____} [+lateral] + s$$

d) Vocalização da lateral

$$[+lateral] \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{voc} \\ +\text{high} \\ -\text{back} \end{bmatrix} / \text{_____} + s$$

A regra (c) prevê o abaixamento das altas frontais de /i/ para /e/. A regra (d) vocaliza a consoante *l* para um glide palatal quando seguido pela marca de plural –s.

Além de representar o primeiro esforço em buscar uma explicação o trabalho de Leite (1974), no Modelo Gerativo, expressa a complexidade da formação de plural no Português uma vez que busca tratar de um tema complexo envolvendo os vários tipos de formação de plural no Português Brasileiro.

Uma crítica, no entanto, baseia-se no fato de que a autora apresenta a formação de plural como um complexo processo morfofonológico, representando uma reflexão baseada em princípios da Fonologia Gerativa Padrão. Observa-se que neste Modelo não se postulava um nível morfofonológico. Conforme discutimos no capítulo 3 a formação de plural na Fonologia Gerativa Clássica ocorre através das Regras de Reajustamento na saída da Sintaxe, antes da entrada para o componente fonológico. Contudo, as reflexões de Leite (1974) sobre a relevância da Morfologia na formação de plural em Português oferece indícios de que um nível morfológico se adéqua na ampla compreensão do processo de pluralização em Português Brasileiro. Consideramos, a seguir, a análise de Andrade (1977).

4.4 Andrade (1977)

Nesta seção apresentamos a proposta de Andrade (1977) com relação à formação de plural de formas nominais terminadas em consoantes, refletindo dados do Português Europeu. O autor apresenta uma análise baseada no Modelo Gerativo Padrão.

Andrade (1977) sugere que a formação de plural consiste de informações do radical da palavra e postula a existência de um elemento /e/ na representação subjacente para explicar a derivação das formas de plural que terminam em consoantes. Mais especificamente, Andrade (1977) visa explicar o fato de formas como *lápiz*, que termina em uma consoante, possuir a mesma forma para singular e plural e; por outro lado, a forma *país* ter a forma de plural como *países*. O autor postula que há representações subjacentes diferentes para formas que terminam com uma consoante no singular. Vejamos:

	Singular		Plural	
<i>Lápis</i>	/lapis/	[lapiʃ]	/lápiz + s/	[lapiʃ]
<i>País</i>	/paize/	[pɛiʃ]	/países + s/	[pɛiz(ə)ʃ]

Segundo Andrade (1977) a palavra *país* possui um /e/ na representação subjacente que é suprido no singular pela regra de apócope. Por outro lado, a palavra *lápiz* não apresenta /e/ final em sua representação subjacente. A análise de Andrade (1977) sugere a formação

regular de plural com a adição do morfema |s| para os nomes terminados tanto em sibilantes finais átonas (*lápiz*) quanto sibilantes finais tônicas (*país*).

As descrições tradicionalmente consideraram formas com sibilante finais átonas como exceção à regra. O caráter excepcional seria pelo fato de não haver uma marca nula da formação de plural. Contudo, para Andrade (1977) a forma *lápiz* não seria um caso excepcional, mas considera o que ocorre na língua é uma regra de apócope em que a seqüência de sibilantes se manifesta como uma única sibilante. Assim temos:

$$[+seg\ 1]\ [+seg\ 2] \rightarrow [+seg\ 1]\ se\ [+seg\ 2] = [+seg\ 2]$$

A regra de apócope prevê que a seqüência de sibilantes que ocorre em /lápiz + s/ é reduzida a uma única sibilante.

Dessa forma, a única diferença no comportamento de palavras como *lápiz* e *país* é o fato da palavra *país* possuir um /e/ em sua representação de base, ao passo que *lápiz* não possui tal /e/. Esta diferença explica porque a forma de singular, em um nível fonético, *país* é uma palavra oxítone, enquanto *lápiz* é uma palavra paroxítone.

O principal problema decorrente da análise de Andrade (1977) são palavras terminadas em consoante final em sílaba tônica, conforme o exemplo (34) abaixo:

(34) *país* /paize/
flor /flore/

O problema diz respeito à supressão da vogal /e/ final nas formas superficiais singulares, como apresentado em (35):

(35) *país* [paiz] ou [paiʃ]
flor [flor] ou [flɔh]

Para explicar as formas do singular com uma consoante final precisaremos assumir uma regra que será a responsável pelo cancelamento do segmento /e/ presente nas

representações subjacentes, propostas por Andrade (1977) como por exemplo, /flore/ → [flor] ou /paise/ → [pais]. Andrade (1977) considera a seguinte regra em (36) de apócope para suprir o segmento /e/ nas formas singulares:

$$(36) \quad e \longrightarrow \emptyset / _ \#$$

A análise de Andrade (1977) encontra problemas na derivação de formas singulares entre palavras como *paz* e *passé*, por exemplo. Na palavra *paz* a regra de apócope, para suprimir o /e/ final, se faz necessária: /pase/ → [pas]. Por outro lado, a regra de apócope não se aplica em palavras como em *passé*: /pase/ → [pase]. Portanto, é um problema a distinção de palavras que irão apagar o segmento /e/, no singular, daquelas que não irão apagar tal segmento. Porque este segmento é apagado em alguns exemplos e em outros não? A solução parece ter indicação no componente lexical e isto seria indesejável, pois daria complexidade ao léxico em um modelo, como o Gerativo, que preza a simplicidade e a economia.

A tabela seguinte ilustra casos de palavras terminadas em consoante final e palavras terminadas em sibilante + e (ou [i] átono final).

Representação Subjacente com /e/ a ser suprido por apócope		Representação Subjacente com /e/ que não é suprido por apócope	
/gole/	gol	/gole/	gole
/pare/	par	/pare/	pare
/pase/	paz	/pase/	passé

Tabela 15: Representações Subjacentes com /e/ final.

Uma vantagem da proposta de Andrade (1977) ao assumir a presença do segmento /e/ na representação subjacente é a economia para formação do plural uma vez que precisaremos apenas acrescentar o morfema |s| durante a derivação. Ou seja, *paz* e *passé* recebem o morfema |s| e têm suas formas de plural obtidas: /pase + s/.

Esta seção se deteve a discutir a postulação de uma vogal final /e/ para formas, que no singular, em Português, terminam com um segmento consonantal. De acordo com a proposta apresentada o elemento abstrato, a vogal /e/ em uma forma como *país*, não ocorreria em formas de superfície quando no singular: [paɪs] ou [paɪʃ]. O elemento abstrato /e/ também não ocorreria em formas derivadas. A vogal /e/ teria, portanto, manifestação em formas de superfície somente nos casos de flexão de plural: [paizɐs]. Assim, a postulação de uma vogal final /e/ nas formas de singular para palavras que terminem em consoantes se mostra sem motivação e muito abstrata.

Com relação ao tema desta dissertação, a alomorfa, a proposta de Andrade (1977) ofereceria a economia de não se ter de postular um alomorfe |ɪs| para as formas nominais de plural terminadas em consoantes, como por exemplo /paɪs + ɪs/.

Em seu trabalho Andrade (1977) tenta simplificar o componente Morfológico da língua, mas por outro lado, complica as Representações Subjacentes. Um importante ponto no trabalho de Andrade (1977) é o fato que dever haver uma interação entre os componentes Fonológicos e Lexical para que haja uma explicação satisfatória da flexão de plural.

Na próxima seção apresentaremos o trabalho de Abaurre-Gnerre (1983) que se pauta sobre os pressupostos da Fonologia Gerativa Natural.

4.5 Abaurre-Gnerre (1983)

A proposta de Abaurre-Gnerre (1983) se baseia nos pressupostos da Fonologia Gerativa Natural, e se ocupa de dados dos nomes que terminam foneticamente em ditongo nasal [-ão], tanto nas formas singulares, como nas formas de plural. Vejamos os seguintes exemplos em (37) abaixo:

(37)	Singular		Plural	
<i>Sermão</i>	/seR'moNe/	[sefi'maw]	/seR'moNe + S/	[sefi'moys]
<i>Pão</i>	/'paNe/	['paw]	/'paNe + S/	['pays]
<i>Irmão</i>	/iR'maNo/	[ifi'maw]	/iR'maNo + S/	[ifi'maws]

A derivação das formas em (37) ocorreria a partir de um conjunto de dez regras que são sugeridas por Abaurre-Gnerre (1983) e que seguem após a tabela (16) abaixo. Vale a pena ressaltar que tabela (16) abaixo já fora apresentada para exemplificação no trabalho de Leite (1974):

	/sermone/	/sermone+ s/	/pane/	/pane+ s/	/irmano/	/irmano+ s/
1	sermóne	sermónes	páne	pánes	irmáno	irmános
2	sermóne	sermónes	péne	pénes	irmáno	irmános
3	sermón	_____	pén	_____	_____	_____
4	sermów	_____	péw	_____	_____	_____
5	serméw	_____	_____	_____	_____	_____
6	_____	sermó es	_____	pé es	irmá o	irmá os
7	_____	se mó is	_____	pé is	irmá u	irmá us
8	_____	sermóys	_____	péys	irmáw	irmáws
9	_____	sermóys	_____	péys	irmáw	irmáws
	[sexméw]	[sexmóys]	[péw]	[péys]	[ixmáw]	[ixmáws]

Tabela 16: Derivação das Representações Subjacentes

Para a autora a derivação das formas em (37) devem obedecer ao seguinte conjunto de regras extrinsecamente ordenadas:

1- Acentuação

2- Nasalização

$$V \rightarrow [+nasal] / \text{---} \overset{C}{[+nasal]}$$

3- Apócope

$$e \rightarrow \emptyset / \left\{ \begin{array}{c} [+cons \\ +sonor \\ +cor \\ Z \end{array} \right\} \text{---} \#]_N$$

4- Vocalização de -n

$$\begin{bmatrix} +cons \\ +nasal \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} -cons \\ -voc \\ \alpha post \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} V \\ \alpha post \end{bmatrix} \text{---} \#$$

5- Desarredondamento

$$V \rightarrow [-arred] / \text{---} \overset{G}{\begin{bmatrix} +nasal \\ +post \end{bmatrix}} \#$$

6- Apagamento de -n

$$\begin{bmatrix} +cons \\ +nasal \\ +cor \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / V \text{---} [+cont]$$

7- Levantamento de vogal

$$\begin{bmatrix} V \\ -baixa \\ -acento \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} +alta \\ -tensa \end{bmatrix} / \text{---} \left(\begin{bmatrix} +cons \\ -voc \\ +cont \\ +cor \end{bmatrix} \right) \#$$

8- Formação de glide

$$\begin{bmatrix} -cons \\ +alto \\ -acento \end{bmatrix} \rightarrow [-voc] / \begin{bmatrix} +voc \\ -cons \end{bmatrix}$$

9- Nasalização secundária

$$[-cons] \rightarrow [+nasal] / [+nasal]$$

Abaurre-Gnerre (1983) sugere o conjunto de regras e as aplica aos casos de formas nominais terminadas em *-ão*. O objetivo da autora é discutir o grau de abstração do modelo Gerativo e a grande complexidade necessária para tentar explicar as formas de plural de nomes terminados em *-ão*.

De acordo com Abaurre-Gnerre (1983), especificamente no que tange a questão das formas de plural em *-ão*, observa-se que sua complexidade morfofonológica é bastante abrangente. Se estivéssemos diante de casos de complexidade fonológica, conforme sugere as análises do modelo da Fonologia Gerativa Standard, não haveria dificuldade, por parte dos falantes, na produção das formas previstas para estas formas de plural. Sabemos, no entanto, que tipicamente há dúvidas do falante nativo quanto a forma adequada para as formas de plural de nomes terminados em *-ão*. Estamos, assim, diante de um caso típico de complexidade morfológica, que exige classificação dos grupos de plurais (*-ãos*, *-ães*, *-ões*) e memorização de tais grupos. Assim, levando em consideração a condição de Naturalidade Forte Revisada Abaurre-Gnerre (1983) sugere que nas formas nominais terminadas em *-ão*

tanto a forma do singular, como a do plural serão listadas no léxico. De acordo com a autora isto não implica perda de generalização linguisticamente significativa, uma vez que as regras fonológicas explicitarão todas as redundâncias.

Uma vez categorizados no léxico como sujeitos à aplicação de certas regras, os nomes em *-ão* deverão ser memorizados pelo falante como pertencentes a uma das classes, para que se produza a forma correta de plural. Uma observação importante é que, a respeito dos nomes em *-ão*, o padrão produtivo singular/plural de $[-\tilde{a}o]$ é $[-\tilde{o}es]$. Isto significa que dada qualquer nova palavra terminada em *-ão* seu plural será listado no léxico como a terminação $[-\tilde{o}ys]$.

Resumindo, a proposta de Abaurre-Gnerre (1983) sugere que a formação de plural tenha uma estreita relação entre a Fonologia e a Morfologia. O léxico cumpre também papel importante uma vez que a autora propõe que as formas em *-ão* sejam listadas no léxico. A próxima seção discute o trabalho de Bisol (1998).

4.6 Bisol (1998)

A análise apresentada por Bisol (1998) baseia-se na Fonologia Autosegmental e se restringe às formas nominais terminadas em consoante.

A autora sugere o acréscimo da vogal /i/, na formação de plural de formas como *país* → *países* ou *bar* → *bares*. A inserção de tal vogal ocorre, segundo a autora, pela tendência da língua para se evitar sílabas com duas consoantes pósvoxicas, como $[*paiss]$ ou $[*bars]$. A análise de Bisol (1998) busca, portanto, acomodar as condições de boa-formação silábica na análise da formação de plural no Português. A representação da estrutura interna da sílaba se apresenta da seguinte maneira:

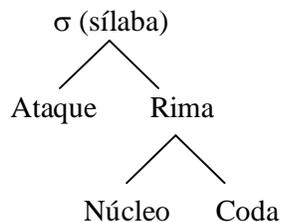


Figura 5: Estrutura Interna da Sílaba

Uma sílaba consiste em um ataque (A) e uma rima (R); a rima por sua vez, consiste em núcleo (Nu) e coda (Co). Qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia. Por essa estrutura fica explícito que a relação entre o núcleo e a coda é mais intrínseca do que entre o ataque e o núcleo, isso se deve ao fato de, estes últimos, estarem em níveis hierárquicos diferenciados. Conseqüentemente, quando os processos fonológicos acontecem, eles se processarão, inicialmente, nos elementos pertencentes ao mesmo nó silábico.

O diagrama (6) abaixo ilustra a representação da seqüência [bars]:

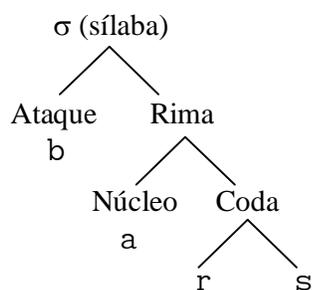


Figura 6: Representação da seqüência [bars]

Note, no diagrama, que a coda possui duas consoantes formando uma coda complexa. Codas complexas não são permitidas pelas regras de boa formação das sílabas em Português. Assim, a vogal [i] é inserida entre as duas consoantes, como ilustrado na representação (7) que se segue.

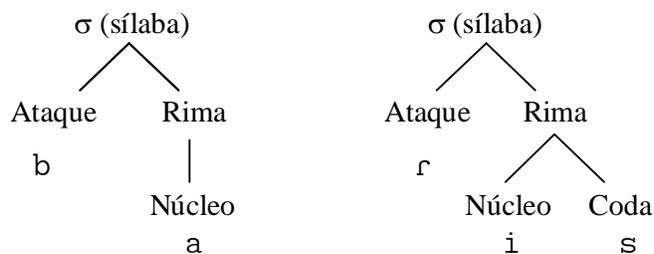


Figura 7: Representação da seqüência [bar.i.s]

Bisol (1998) sugere a adição do morfema [s] na formação de plural no Português, como no exemplo [bar + s]. Será através dos moldes silábicos de boa-formação da sílaba em

Português que a vogal /i/ emerge durante a derivação das palavras terminadas em consoantes, como em [baris].

A tabela 17 abaixo apresenta as formas nominais *paz* e *passé* em que o morfema |s| é adicionado em ambos os casos, mas a epêntese só se aplica à forma *pazes*.

		Morfema de plural	Epêntese	
1	paz	/pas+s/	/pasi+s/	[pazis] ²⁵
2	passé	/pase+s/	—	[pases]

Tabela 17: Formas Nominais para casos de Epêntese

De acordo com Bisol (1998) a inserção da vogal epentética se dá para que se cumpram as condições de boa-formação da sílaba. Ou seja, consoantes adjacentes em coda não são permitidas. Assim, a vogal epentética ocorre entre as duas consoantes. Há motivação para se postular uma vogal epentética que ocorre em outros casos no Português do Brasil, em palavras como *afta* ou *dogma*. Assim, postular uma vogal epentética entre duas consoantes se adéqua às boas-condições de formação geral da sílaba no Português.

A análise apresentada em Bisol (1998) se restringe a formas de plural de palavras terminadas com consoantes e tem com enfoque na Fonologia e na boa formação silábica. A autora não menciona interface com outros componentes da Gramática, mas por compartilhar os princípios da Fonologia Autosegmental, e os princípios da Fonologia Lexical podemos sugerir que há interface entre os campos da Fonologia e da Morfologia.

Assim, a análise discutida nesta subseção mostra que a Fonologia, e mais especificamente as condições de boa-formação da sílaba, desempenha um papel crucial para explicarmos a formação de plural no Português. Na próxima seção trataremos do trabalho de Lee (1995) que se pauta nos princípios da Fonologia Lexical.

²⁵ O /s/ intervocálico se torna vozeado por ajustes fonológicos que não dizem respeito à boa formação da sílaba e por esta razão não será discutido neste momento.

4.7 Lee (1995)

Assumindo, a teoria da Fonologia Lexical, Lee (1995) sugere dois níveis ordenados no léxico do Português: o nível α (onde ocorrem os processos derivacionais, a flexão irregular, alguns processos de composição – como os sufixos derivacionais) e o nível β (onde ocorre a flexão regular do verbo e não-verbo, formação produtiva de diminutivo, advérbio e grau).

Nesses dois níveis, as regras fonológicas são cíclicas, aplicando-se cada vez que um novo afixo é agregado. Além desses dois níveis, há o nível ω (da palavra fonológica, esse marca a saída do léxico e a entrada para a Sintaxe; que é considerado como um nível pós-lexical). As regras desse domínio são não-cíclicas (aplicam-se uma vez no final da afixação). O diagrama que segue resume esta proposta.

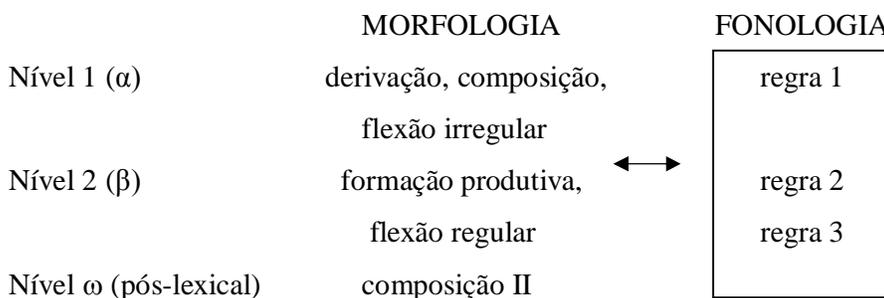


Figura 8: Níveis aos quais regras são aplicadas na Fonologia Lexical

O nível 1 (α) inclui todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição. Neste nível, de acordo com Lee (1995), encontrariam os casos de formação irregular de plural como, por exemplo, [*corpus*] → [*corpora*].

O nível 2 (β) inclui a flexão regular do verbo e dos nomes e a formação produtiva do Português, como as formações de diminutivo, advérbio, e grau. Neste nível, de acordo com Lee (1995), se encontraria a flexão de plural regular, como, por exemplo, [*flor*] → [[*flor*]*es*].

Esta diferença no comportamento dos afixos, propostos pela Fonologia Lexical, será tratado em termos de ordenação de níveis. Isto significa que os afixos serão adicionados em diferentes estratos do léxico. Cada estrato está relacionado a uma série de regras morfológicas responsáveis pela construção das palavras; e a estas regras morfológicas estão ligadas as regras fonológicas que indicam como a estrutura construída será pronunciada.

Desta forma o estrato 1 (α) adiciona os afixos considerados não-neutros, enquanto o estrato 2 (β) os afixos neutro. Uma importante observação a ser feita, neste ponto, é que uma vez que o processo fora aplicado no estrato 1 será bloqueada sua nova aplicação no estrato 2. Isto significa que se uma forma irregular já fora formada no estrato 1, será bloqueada pela condição da *Elsewhere Condition*, a sua nova aplicação do processo geral pelo estrato 2.

No que tange a questão da formação de plural, temos que o estrato 1 (α) será o responsável pelas formações irregulares, aplicando os afixos considerados imprevisíveis; já o estrato 2 (β) trata da formação regular de plural, ou seja adiciona apenas o sufixo *-s*.

Para a derivação de formas supletivas, como *corpus* e *campus*, veremos a necessidade de se estipular regras especiais, conforme (38) abaixo:

(38) Estrato 1

a) Insira /ora/ no ambiente [korp-]_{Nome + Plural}

Output: /korpora/ *corpora*

b) Insira /ɪ/ no ambiente [kaNp-]_{Nome + Plural}

Output: /kaNpɪ/ *campi*

Estrato 2

Insira *-s* no ambiente [Y ____]_{Nome + Plural}

Output: Y-s

A *Elsewhere Condition* evita formas como *campis* e *corporas*. Mas se nenhuma marca de plural é estipulada no estrato 1, a sufixação regular de *-s* como marca de plural é aplicada regularmente pelo estrato 2. É, portanto, uma condição que prevê quando uma relação disjuntiva será imposta entre um par de regras, ao invés da relação conjuntiva padrão.

A análise de Lee (1995) explica em níveis diferenciados a flexão regular e irregular. A formação de plural se dá no nível morfológico, na organização de afixos em diferentes níveis. Ajustes podem também ocorrer no nível pós-lexical, mas nestes casos não tem relação com a Morfologia e sim com ajustes fonéticos relacionados com a Sintaxe. A principal justificativa para postularmos o modelo da Fonologia Lexical é a hipótese de interface entre a Fonologia e a Morfologia. Na próxima seção apresentamos as conclusões alcançadas com este capítulo.

4.8 Conclusões

Este capítulo apresentou o curso de alguns trabalhos que trataram sobre a formação de plural e o processo de alomorfia no Português Brasileiro. Buscamos discutir como cada autor se posiciona em relação aos componentes gramaticais – Semântica, Sintaxe, Léxico, Morfologia e a Fonologia – evidenciando a organização gramatical na análise da alomorfia de plural nominal do Português Brasileiro. As seguintes observações podem ser feitas.

1. Análises de todos os casos de formação de plural no Português Brasileiro em um mesmo modelo teórico são incomuns.
2. As formas nominais terminadas em consoantes foram consideradas por vários autores quanto a sua formação de plural, indicando a complexidade de análise de tais formas.
3. As formas nominais terminadas em *-ão* apresentam complexidade e são também tema de debate quanto a formação de plural.
4. Casos com baixa produtividade como o de formas irregulares de plural, por exemplo, *campus* → *campi*, devem ser tratados de maneira diferenciada e são pouco analisadas.
5. Todos os trabalhos analisados consideram, em algum grau, a alternância alomórfica na formação do plural nominal no Português Brasileiro.

O próximo capítulo trata da análise e discussão dos temas apresentados nas páginas precedentes.

Capítulo 5

DISCUSSÃO E ANÁLISE

5.1 Introdução

O presente capítulo tem como objetivo avaliar as hipóteses levantadas na presente dissertação. Nosso objetivo principal é discutir como a alomorfa de plural pode ser resolvida dentro de um modelo de Gramática: em um componente de interação entre a Morfologia e a Fonologia, ou em um modelo que leve em consideração a interação com a Sintaxe? E como ocorre a interface entre estes diversos campos da Gramática?

Este capítulo apresenta, portanto, a seguinte organização: na seção 5.2 reapresentaremos os objetivos propostos e as hipóteses formuladas; na seção 5.3 avaliaremos a contribuição dos modelo teórico, discutidos no capítulo 3; em relação aos trabalhos sobre a formação de plural no Português Brasileiro, discutidos no capítulo 4; na seção 5.4 avaliaremos de maneira geral os resultados obtidos com esta dissertação; e na seção 5.5 apresentaremos uma proposta para trabalhos futuros apresentando o modelo da Morfologia Distribuída.

5.2 Objetivos e Hipóteses

Nesta seção retomamos os objetivos propostos nesta dissertação bem como as hipóteses formuladas.

5.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho pretende, através da investigação da alomorfa nominal de plural, contribuir para a discussão acerca da interação entre os componentes da Gramática no Português Brasileiro.

5.2.1.2 Objetivos Específicos

Como desdobramentos do objetivo geral têm-se os seguintes objetivos específicos:

- Discutir a alomorfia de plural no Português Brasileiro.
- Contribuir para a compreensão do fenômeno da alomorfia, exemplificados através da pluralização nominal no Português Brasileiro.
- Discutir como os vários Modelos Teóricos compreendem a alomorfia.
- Avaliar as contribuições de vários Modelos Teóricos quanto ao papel da alomorfia na Gramática.

Na seção 5.4 deste capítulo avaliaremos como tais objetivos foram alcançados. A seguir listamos as hipóteses formuladas.

5.2.2 Hipótese Geral

A alomorfia é um processo que se explica adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática.

5.2.2.1 Hipóteses Específicas

- a) Casos de alomorfia evidenciam a interface entre, pelo menos, dois componentes da Gramática.
- b) A alomorfia requer um modelo de análise gramatical.

Na seção 5.4 deste capítulo avaliaremos como as hipóteses formuladas foram avaliadas nesta dissertação. A próxima seção avalia como vários modelos teóricos consideraram a alomorfia, e como a formação de plural nominal no Português foi tratada em diferentes perspectivas teóricas.

Nosso objetivo principal na presente dissertação foi avaliar como a formação de plural se acomoda em uma organização gramatical, e para isso, consideramos os trabalhos de alguns autores, bem como os suportes teóricos utilizados, na tentativa de uma explanação ampla sobre o processo de alomorfia.

5.3 Teorias e Análises

Veremos que descrever e analisar o processo de formação de plural nominal no Português Brasileiro é um desafio, tanto teórico quanto descritivo. Pretendemos sugerir que para uma descrição abrangente, das formas de plural, será necessário um modelo que apresente uma interface entre diversos campos da Gramática, como os componentes Lexical, Fonológico, Morfológico e Sintático.

Nesta seção avaliaremos como os vários modelos teóricos discutidos nesta dissertação contribuíram com uma maior compreensão da formação de plural no Português Brasileiro.

5.3.1 O Estruturalismo

O Estruturalismo postula um nível Morfológico cuja realização se manifesta na Fonologia. No entanto, este modelo encontra problemas devido a ter pouco poder explicativo sobre a interação entre os módulos da Fonologia e da Morfologia; embora tenha contribuído com parâmetros para a descrição dos fatos estudados da formação de plural no Português Brasileiro.

Observamos, que no Estruturalismo a restrição da interface somente para os campos Fonológico e Morfológico não explica aspectos da concordância nominal (Sintaxe) ou as restrições de significado de certas formas de plural (Semântico).

5.3.2 O Gerativismo Clássico

O modelo Gerativo Clássico apresenta um alto grau de abstração das representações e uma grande complexidade de derivações (regras e seus ordenamentos). Adicionalmente,

podemos notar controvérsias nas análises apresentadas que seguem tal modelo em relação a natureza das representações e na interação entre os vários níveis da Gramática.

Leite (1974) sugere um morfema de plural a ser adicionado aos nomes terminados em consoante, como o exemplo (39a), e uma regra de epêntese que insere uma vogal entre as duas sibilantes, conforme (39b) abaixo:

(39) a) /meS + S/ *Mês*

b) [mezis] *Meses*

Andrade (1977), por outro lado, sugere uma forma abstrata para as formas terminadas em consoantes tônicas finais que apresentam um elemento /e/ final, conforme ilustrado em (40). Na análise de Andrade (1977) a adição da morfema -s ofereceria a explicação da forma de plural *meses*.

(40) /meSe/ *Mês*

Assim, temos duas análises plausíveis no modelo Gerativo, sendo uma com complexidade derivacional (LEITE, 1974) e outra com complexidade representacional das formas subjacentes (ANDRADE, 1977).

Podemos apontar ainda, que Leite (1974) sustenta a opinião pela a adição de um morfema |s| para a formação de plural, no entanto, adota um modelo teórico (Fonologia Gerativa) que não comporta a sustentação pela argumentação por uma análise Morfofonológica.

Já Andrade (1977) apresenta dados para o Português Europeu e para uma explicação satisfatória de dados, como *lápiz* e *países*, postula formas subjacentes complexas que não se manifestam no singular ou em derivações, mas somente nas formas de plural. Assim, vemos que a alomorfia de número $s \sim i s \sim \emptyset$ fica diluída pela complexidade das representações subjacentes ou na complexidade das representações Fonológicas.

Observamos que os trabalhos de Leite (1974) e Andrade (1977) baseiam-se no modelo da Fonologia Gerativa Clássica. Tal modelo não levava em conta o módulo morfológico, e

que, além disso, a flexão deve ocorrer em um módulo de reajuste, presente da saída da Sintaxe, antes do componente fonológico.

Um dos fatores pelos quais o modelo Gerativo se depara com problemas de abstrações e complexidade é a não interface entre os vários componentes da Gramática.

5.3.3 A Fonologia Gerativa Natural

A Fonologia Gerativa Natural sugere que fenômenos Fonológicos e Morfológicos operem de maneira diferenciada. Assim, fenômenos produtivos, com motivação fonológica, operarão nas representações subjacentes. Por outro lado, os fenômenos morfológicos têm relação estrita com o léxico.

Abaurre-Gnerre (1983) aponta que Fonologia Gerativa Natural procurou, sobretudo, propor fortes restrições às altas abstrações presentes no Gerativismo Clássico. A Fonologia Gerativa Natural assume a alomorfia através das *via-rules* e os casos regulares ficam resolvidos na Fonologia. A flexão de número discutida em Abaurre-Gnerre (1983) demonstra a interface entre a Fonologia e a Morfologia no contexto da Gramática.

O maior mérito do modelo da Fonologia Gerativa Natural foi buscar contextualizar a Morfologia, que estava ausente, no Gerativismo Padrão. Além disso, a Fonologia Gerativa Natural discutiu o alto grau de abstrações das representações subjacentes e a complexidade das regras fonológicas e seus ordenamentos.

5.3.4 A Hipótese Lexicalista

Infelizmente, não tivemos análises sobre a flexão nominal de plural no âmbito da Hipótese Lexicalista. Contudo, como discutimos no Capítulo 3, a Hipótese Lexicalista Fraca abriu portas para abordagens de interface entre a Morfologia e a Sintaxe. Esta foi a grande contribuição teórica deste modelo.

5.3.5 A Fonologia Lexical

A Fonologia Lexical oferece níveis diferenciados de análises de fenômenos morfológicos. As regras são cíclicas no léxico e há uma dimensão para a formação de plural regular e irregular. Assim, a Morfologia ganhou espaço na interação com a Fonologia. O nível pós-lexical oferece ajustes fonéticos finos em interação com a Sintaxe.

A Fonologia Lexical oferece um modelo de interação entre – Fonologia, Morfologia e Sintaxe – e também contempla aspectos Semânticos que podem ser marcados em um nível da Morfologia Irregular. Bisol (1998) assume em sua análise a Fonologia Autosegmental a qual é compatível com a Fonologia Lexical e por isso é considerada nesta seção. A autora concentra sua explicação da flexão no componente fonológico através da condição da boa formação silábica. Nesta proposta a flexão de número é resolvida na Fonologia, pelo menos nos casos apresentados.

Já Lee (1995), assumindo a Fonologia Lexical, postula dois níveis lexicais (α) e (β), em que as formações irregulares serão formadas no nível (α), enquanto as formações regulares no nível (β). O grande mérito da Fonologia Lexical foi oferecer mecanismos de interação entre os vários níveis da Gramática.

5.3.6 Modelos e Análises: Síntese

Nesta seção buscamos sistematizar a discussão sobre os trabalhos apresentados no Capítulo 4, da presente dissertação, em contrapartida com o enfoque teórico adotado.

Considere a tabela (18).

	Alomorfes	Gramática
Câmara Jr. (1970)	Alguns condicionados fonologicamente e outros morfolologicamente	Morfológico e Fonológico
Leite (1974)	Inserir morfema s e casos em <i>-ão</i> são tratados como <i>minores rules</i>	Morfofonológica
Andrade (1977)	Alomorfia somente no Radical	Lexical e Fonológico
Abaurre-Gnerre (1983)	Apresenta somente alomorfia para casos de <i>-ãos</i>	Morfológico e Fonológico
Bisol (1998)	Inserir sempre morfema s	Fonológico
Lee (1995)	Alomorfes irregulares (nível α) e Alomorfes regulares (nível β)	Lexical, Morfológico, Fonológico e Sintático

Tabela 18: Resumos em relação à Alomorfia e Organização Gramatical

A Tabela (18) indica que as várias análises, que foram empreendidas, considerando-se os vários modelos lingüísticos adotados, apresentam evidências para que a formação de plural no Português Brasileiro seja analisada através da interação entre os vários componentes da Gramática. A tabela (18) mostra que a interação entre a Fonologia e a Morfologia tem formulação inicial e é mantida através da evolução dos modelos teóricos. Há estreitamento com o léxico e com a Sintaxe sendo que o modelo da Fonologia Lexical, o qual tem uma organização gramatical ampla e de interação entre os vários níveis da Gramática, é aquele que acolheu a interação ampla entre os vários componentes gramaticais.

Avaliando a tabela 18 acima, no que tange especificamente aos trabalhos descritos, no capítulo 4 da presente dissertação, podemos notar dois posicionamentos diferentes em relação à alomorfia nominal de plural: alguns autores postulam a inserção de um morfema |s| como regra única para a formação de plural no Português Brasileiro (LEITE, 1974; ANDRADE, 1977; LEE, 1995; BISOL, 1998); enquanto outros assumem o processo da alomorfia através

da presença de três alomorfes possíveis ($is \sim s \sim \emptyset$) para a formação de plural (CÂMARA JR. 1970). Vale a pena ressaltar que Abaurre-Gnerre sugere complexidade morfológica em seu trabalho, o que implica indiretamente em assumir a alomorfia para a formação de plural no Português Brasileiro.

Observamos que ao atribuirmos complexidade ao componente fonológico simplificamos a marcação lexical uma vez que não teremos três formas, ou alomorfes de formação de plural, dispostas no léxico. Contudo, uma abordagem estritamente fonológica irá postular várias regras necessárias para a derivação do plural. Mas um de seus benefícios será a regra redundante de sempre adicionarmos o morfema $-s$ para esta formação. No entanto, ao atribuirmos complexidade ao componente morfológico complicamos a marcação lexical, com a presença de três alomorfes possíveis ($is \sim s \sim \emptyset$), mas diminuimos a complexidade e abstração presente das derivações fonológicas.

A tabela (19) abaixo mostra as principais diferenças entre as duas formações possíveis. Nos casos de formação de plural assumindo-se o morfema $|s|$ várias regras fonológicas devem atuar para garantir a boa formação destas palavras, já para os casos de alomorfia atribui-se grande peso a morfologia e ao léxico.

Casos	Plural em s	Alomorfes $is \sim s \sim \emptyset$
Vogal ou Ditongo	Morfema $ s $	Alomorfe $-s$
Terminação $-l$, $-r$ ou $-s$	Regra fonológica de epêntese	Alomorfe $-is$
Terminação em $-ão$	Morfema $ s $ e várias regras fonológicas para casos $-ões$ e $-ães$.	<ul style="list-style-type: none"> • Alomorfe $-s$ para casos de $-ãos$ • Outros casos marcação no léxico
Terminado em $-s$ átono final	Regra fonológica de ocp	Alomorfe $-\emptyset$
Metafonia Vocálica	Marcados no léxico	Marcados no léxico
Outros Casos	Marcados no léxico	Marcados no léxico

Tabela 19: Morfema $|s|$ ou Alomorfes $s \sim is \sim \emptyset$.

Julgaremos que em termos descritivos a alomorfa parece ser melhor descrita por três alomorfes com condicionamentos específicos, como será descrito mais adiante. No entanto, para esta dissertação apontaremos que estudos mais detalhados devem ser levados em consideração para a escolha de uma abordagem em detrimento da outra. Isto porque observamos que ambas apresentam vantagem e desvantagem não havendo nenhuma que consiga explicar a totalidade dos fatos sem complicar alguma área da Gramática.

De fato, estudos complementares ainda são necessários para se ter uma ampla compreensão da formação do plural no Português Brasileiro, e também para compreendermos a Morfologia em um contexto abrangente da Gramática. Na seção seguinte avaliaremos os objetivos e as hipóteses levantadas no início desta dissertação.

5.4 Avaliação da Alomorfa No Português Brasileiro

Esta seção busca avaliar os resultados obtidos com esta dissertação. Embora seja um tema controverso e complexo, iremos sugerir que a formação de plural nominal pode ser melhor descrita através de alomorfes que sejam indicados no léxico pelos componentes fonológico e morfológico e estes tenham estreito relacionamento com a Sintaxe.

Em termos descritivos a alomorfa parece ser melhor descrita por três alomorfes com condicionamentos específicos como será descrito mais adiante. Segue a lista dos alomorfes sugeridos na tabela (20) abaixo.

Morfema		
s		
	Alomorfes	Realizações fonéticas
1.	/Ø/	não há
2.	/S/	[s], [z], [ʃ], [ʒ]
3.	/iS/	[is], [iz], [iʃ], [iʒ]

Tabela 20: Alomorfes do Morfema |s|

A proposta destes três alomorfes foi sugerida por Câmara Jr. (1970) e encontra problemas, sobretudo, na especificação fonológica. Há várias realizações fonéticas que podem ser geográfica ou gramaticalmente definidas. Por exemplo, no Rio de Janeiro a sibilante do morfema de plural será alveopalatal, e já em Belo Horizonte a sibilante do morfema de plural será alveolar. Não nos deteremos, nesta dissertação, em buscar uma solução específica para a manifestação fonológica, mas apenas nos posicionarmos a favor da distribuição alomórfica para a formação de plural no Português Brasileiro. Entendemos que esta opção, da alomorfia, permite expressar os fatos com um grau de complexidade representacional bastante limitado, o que é importante e desejável para a formulação teórica.

Quanto aos objetivos propostos podemos afirmar que:

1. O objetivo geral foi alcançado uma vez que a investigação da alomorfia nominal de plural contribuiu para a discussão acerca da interação entre os componentes da Gramática no Português Brasileiro. Em outras palavras, sugerimos que a formação de plural se dê de maneira holística na Gramática com ampla articulação entre os vários níveis como lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico.
2. Os objetivos específicos de discutir a alomorfia teoricamente e em casos de formação de plural no Português Brasileiro se cumpriram através de nossa avaliação do conceito de alomorfia em várias perspectivas teóricas e por nossa tentativa de buscarmos entender a alomorfia nas análises apresentadas para o Português Brasileiro.

Em relação às hipóteses formuladas podemos afirmar que:

1. A hipótese geral de que a alomorfia é um processo que se explica adequadamente dentro de uma zona de interface entre os vários componentes da Gramática comprovou-se. Isto porque a evolução teórica indica a consolidação da interface ao longo do tempo nos vários modelos considerados.

2. A hipótese específica de que casos de alomorfia evidenciam a interface entre, pelo menos, dois componentes da Gramática comprovou-se parcialmente. Todas as análises consideradas para o Português Brasileiro, exceto Bisol (1998), oferecem evidências para a interação entre pelo menos dois componentes da Gramática.
3. A hipótese de que a alomorfia requer um modelo de análise gramatical procede uma vez que verificamos que modelos de ampla relação entre os componentes da Gramática, como, por exemplo, a Fonologia Lexical, evidenciam esta proposta de maneira mais ampla. Ou seja, na Fonologia Lexical é sugerida a interação entre o Léxico, Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Sugerimos que a alomorfia tem estreita relação com um modelo de Gramática que permita a postulação de vários níveis conectados entre si permitindo uma abordagem holística dos fenômenos lingüísticos.

Finalizando, gostaríamos de destacar que a nossa avaliação é de que uma análise abrangente da formação de plural nominal no Português Brasileiro somente será satisfatória se entendida no escopo amplo da descrição gramatical com ampla interação entre os vários componentes da Gramática. Esperamos que modelos a serem desenvolvidos contemplem, em um futuro breve, esta perspectiva para que o fenômeno da alomorfia no Português Brasileiro possa ser melhor compreendido, analisado e explicado. Na seção que segue será apresentado brevemente o modelo da Morfologia Distribuída por entendermos que este poderá lançar luzes, no futuro, ao tema desta dissertação.

5.5 Perspectivas Futuras: O Modelo da Morfologia Distribuída

A Teoria da Morfologia Distribuída propõe uma arquitetura de gramática em que um único sistema gerativo é responsável pela derivação de palavras e sintagmas; mais ainda, esta teoria faz uma menção precisa de que toda derivação, ocorrida neste modelo, é unicamente sintática (HALLE & MARANTZ, 1993).

É essencialmente uma teoria construcionista (e não lexicalista), uma vez que nesta arquitetura da gramática a formação de uma palavra é distribuída. Não há léxico na Morfologia Distribuída, isto quer dizer que esta teoria rejeita a Hipótese Lexicalista. De fato,

o papel antes atribuído ao componente lexical, descrito pelas teorias anteriores, agora está distribuído pelos outros componentes da arquitetura da gramática.

A Morfologia Distribuída não considera a palavra como unidade operacional em nenhum nível. O que existe são três listas acionadas no curso da derivação, e cada lista fornece um tipo de informação lingüística.

A lista 1, ou Léxico Estrito, fornece as informações gramaticais (formais) e um conteúdo mínimo semântico, que será lido na Forma Fonológica. As unidades fornecidas pela lista 1 são feixes de traços morfossintáticos e previsões de pontos para a inserção das raízes (LEMLE, 2005). Traços morfossintáticos podem ser, por exemplo, traços de gênero, número, pessoa. O conjunto de traços morfossintáticos presentes nos feixes que entram na derivação é determinado pela Gramática Universal, mas as maneiras como os traços se agrupam em feixes são particulares de cada língua. A lista 2, ou Vocabulário, diz respeito às informações fonológicas, ou seja, é o vocabulário que fornece as formas fonológicas para os nós terminais da sintaxe e da morfologia. E por fim, a lista 3, ou Enciclopédia, fornece as informações semânticas, listando os significados especiais de raízes particulares dentro de domínios sintáticos específicos.

A sintaxe é o componente responsável por gerar as estruturas pela combinação de um feixe de traços sintáticos e semânticos selecionados pelas línguas particulares a partir de um inventário disponibilizado pela Gramática Universal. Estas combinações de traços estão sujeitas a princípios e operações da sintaxe, as quais são subsequentemente trabalhadas nos componentes morfológico e fonológico.

O componente morfológico da gramática compreende de três etapas: operações morfológicas, inserção vocabular e regras de reajustamento. A primeira diz respeito à manipulação das representações advindas da sintaxe, podendo não só modificar a estrutura destas representações, bem como o seu conteúdo. Na segunda parte, inserção vocabular, são atribuídos traços fonológicos aos nós terminais. A terceira parte concerne às regras de reajustamento, as quais atuam itens vocabulares específicos em um contexto morfológico específico (HARLEY & NOYER, 1999).

No componente fonológico estão as operações fonológicas que podem ser sensíveis a informações morfológicas. É um componente autônomo da gramática, em que somente informações relevantes para as realizações fonéticas estão presentes. Neste nível apenas os processos fonológicos podem ser aplicados.

O modelo da Morfologia Distribuída ainda é recente, muitos trabalhos ainda estão em desenvolvimento levando-se em consideração esta teoria. Não nos deteremos em explicar com maiores detalhes o referido modelo, apenas queremos apontar que direções futuras podem considerar a Morfologia Distribuída para uma explicação satisfatória da alomorfia nominal de plural no Português Brasileiro.

Capítulo 6

CONCLUSÃO

O exercício teórico-descritivo realizado nesta dissertação permitiu formular as conclusões que se seguem.

- O Estruturalismo apresenta uma restrição da interface somente para os campos Fonológico e Morfológico, além de não explicar aspectos da concordância nominal (Sintaxe) ou as restrições de significado de certas formas de plural (Semântico).
- O Gerativo Clássico apresenta um alto grau de abstração das representações e uma grande complexidade de derivações (regras e seus ordenamentos).
- O modelo da Fonologia Gerativa Natural busca contextualizar a Morfologia, que estava ausente, no Gerativismo Padrão; além de discutir o alto grau de abstrações das representações subjacentes e a complexidade das regras fonológicas e seus ordenamentos.
- A Fonologia Lexical oferece um modelo de interação entre – Fonologia, Morfologia e Sintaxe – além de contemplar aspectos Semânticos que podem ser marcados em um nível da Morfologia Irregular.
- A alomorfia nominal no Português Brasileiro é um fenômeno que se adéqua a uma dimensão de interface, ou seja, precisamos considerar os vários componentes gramaticais para uma explicação satisfatória para o problema dos alomorfes.
- Todas as análises consideradas para o Português Brasileiro, exceto Bisol (1998), oferecem evidências para a interação entre pelo menos dois componentes da Gramática

- Podemos observar que a evolução dos modelos teóricos indica a tendência pela interface – Lexical, Fonológico, Morfológico, Sintático e Semântico – na análise da flexão de número no Português Brasileiro.
- No que tange a alomorfia podemos observar que existem regularidades, mas também idiosincrasias. Devendo esta última apresentar uma marcação no componente lexical.
- Em termos descritivos a alomorfia parece ser melhor descrita por três alomorfes com condicionamentos específicos no componente lexical, no entanto, estudos mais detalhados devem ser levados em consideração.
- A proposta destes três alomorfes foi sugerida inicialmente por Câmara Jr. (1970) e encontra problemas, sobretudo, na especificação fonológica. Há várias realizações fonéticas que podem ser geográfica ou gramaticalmente definidas.
- Nos posicionaremos a favor da distribuição alomórfica para a formação de plural no Português Brasileiro por entendermos que esta opção permite expressar os fatos com um grau de complexidade representacional bastante limitado, o que é importante e desejável para a formulação teórica.
- A Morfologia Distribuída pode ser apontada como uma proposta futura para uma explicação satisfatória da alomorfia nominal de plural no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. *Alguns Casos de Formação de Plural em Português: uma Abordagem Natural*. Cadernos de Estudos Lingüísticos 5. p. 127-156, 1983.

ALLEN, M. *Morphological Investigation*. Ph.D. Dissertation, University of Connecticut, Storrs, 1978.

ANDERSON, S. R. *Where's morphology?* Linguistic Inquiry, Vol. 13, N. 4, p. 571-612, 1982.

ARRAES, Flávia Cristina C. L. *Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo Português do Brasil*. Tese (Doutorado, PhD) – UNB: Universidade de Brasília, 2006.

ARONOFF, L. F. T. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1976.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. *A nasalidade, um velho tema*. São Paulo: Delta, vol. 14, 1998.

_____. *A sílaba e seus Constituintes*. Gramática do Português Falado, v. 6, FAPESP, 1999.

BLOOMFIELD, Leonard. *A set of postulates for the science of language*. In: JOOS (ed.), p. 26-31, 1926.

_____. *Language*. New York: Rinehart and Winston, 1933.

BOOIJ, Geert. *Allomorphy and the Autonomy of Morphology*. In: *Folia Linguistica XXXI*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 25-56, 1998.

_____. *Morphology and Phonology*. In: Booij, G; Lehmann, C; Mugdan, J. (Eds.) *Morphologie / Morphology: An International Handbook on Inflexion and Word-formation*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, volume 1, p. 335-344, 2000.

BRASINGTON, R. W. P. *Noun pluralization in Brazilian Portuguese*. *Journal of Linguistics*, Volume 7, N. 2, p. 151-315, 1971.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com destaque especial para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002, p.17-53.

CAMARA Jr, Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 40ª edição. Petrópolis: vozes, 1970.

_____. *The Portuguese Language: History and Structure*. Traduzido por Anthony J. Naro. Chicago / London: University of Chicago Press, 1972.

CARSTAIRS-MCCARTHY, Andrew. *Current Morphology*. Routledge, 1992.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of english*. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Noam. *Remarks on Nominalization*. In: Jacobs, R.; Rosenbaum, P. (Eds.) *Readings in English transformational grammar*. Ginn and Company: Massachusetts, 1970.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1965.

CLEMENTS, G. N. *On the representation of vowel height*. Ithaca: Cornell University, 1989.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, p. 245- 306, 1995.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2003.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Trad. Maria Carmelita Pádua Dias, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, p. 41, 1978.

EDDINGTON, D; LESTRADE, P. *Are plural derived or stored?* Unpublished, University of New Mexico and Mississippi State University, 2002.

HALLE, M; MARANTZ, A. *Distributed Morphology and the pieces of inflection*. In: Hale, K; Keyser, S. (Eds.) *The view from building 20. Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, p.111-176, 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. *Distributed Morphology*. *Glott International*, Volume 4, Issue 4, 1999.

HOCKETT, Charles F. *A course in modern linguistics*. New York: The MacMillan Company, p. 621, 1958.

_____. *Two models of grammatical description*. *Word*, N. 10, p. 210-234, 1954.

JACKENDOFF, R. *Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon*. *Language* 51, p.639-671, 1975.

JESPERSEN, Otto. *The Philosophy of grammar*. London: Allen & Unwin, 1924.

_____. *Growth and structure of the English language*. Basil Blackwell: Oxford, 1958.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. England: Palgrave, 1993.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. Blackwell, 1994.

KIPARSKY, Paul. *Lexical Morphology and Phonology*. In: I-S YANG (Ed.) *Linguistics in the Morning Calm*, Hanshin, 1982.

_____. *Word-formation and The Lexicon*. In: F. INGERMAN (Ed.) *Proceeding of the Mid America Linguistics Conference*. University of Kansas, 1983.

_____. *The Phonological Basis of Sound Change*. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, p. 640-670, 1995.

LEE, Seung-Hwa. *Fonologia Lexical do Português*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: v.23, p. 1-20, 1992.

_____. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português Brasileiro*. Tese (Doutorado, PhD) – UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

LEMLE, Miriam. *Mudança Sintática e Sufixos Latinos*. In: *Revista Lingüística*, vol.1, n.1, 2005.

LIEBER, R. *On the Organization of the Lexicon*. Ph.D. Dissertation, 1980.

_____. *Allomorphy*. *Linguistic analysis*, Vol. 10, Number. 1, p.27-52, 1982.

_____. *Argument linking and compounds in English*. *Linguistic inquiry*, Vol. 14, Number 2, p.251-285, 1983.

MATTHEWS, P. H. *An Introduction to the theory of word-structure*. London: Cambridge University Press, 1974.

MATZENAUER, Carmen L. B.; MIRANDA, Ana Ruth M. *As vogais médias do PB – Uma discussão sobre as coronais em seqüência vocálica*. São Paulo: Alfa, p. 289-309, 2008.

MELLO, Maria Aparecida C. R. *A questão da produtividade morfológica no Guineense*. Tese de doutorado em lingüística. Brasília: Universidade de Brasília, p. 95-121, 2007.

NIDA, Eugene A. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PARAGUASSU-MARTINS, Nize & MÜLLER, Ana. *A distinção contável-massivo e a expressão de número no sistema nominal*. Revista Delta, vol. 23, p. 65-83, 2007.

PINKER, S. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, London: MIT, 1991.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDALO, M. *Morfologia*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 181-206, 2005.

SAPIR, Edward. *A realidade psicológica dos fonemas*. In: Dascal, Marcelo (Org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. São Paulo: Global, vol.2, p.37-55, 1981, 1ª ed 1944.

SCALISE, Sergio & GUEVARA, Emiliano. *The lexicalist approach to word-formation and the notion the lexicon*. In: Stekauer, P. & Lieber, R. (Eds.) *Handbook of word-formation*. Springer, p. 147-187, 2005.

SCHERRE, Maria Marta P. *Reanálise da concordância nominal em Português*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, p. 555, 1988.

SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the word: economy, allomorph and argument selection in Distributed Morphology*. John Benjamin Publishing Company, 2009.

SIEGEL, D. *Topics in English Morphology*. Ph.D. Dissertation, MIT, 1974.

SPENCER, Andrew. *Morphological Theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Blackwell: Oxford, 1993.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILLALVA, A. *Análise Morfológica do Português*. Dissertação de mestrado em lingüística portuguesa descritiva, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1986.

_____. *Estruturas morfológicas – unidades e hierarquias nas palavras do Português*. Tese de doutorado em lingüística portuguesa descritiva, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994.